

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Júlio César de Carvalho Santos**

**O GÊNERO MINICONTO EM ATIVIDADES DE LEITURA**

**Taubaté – SP**

**2018**

**Júlio César de Carvalho Santos**

**O GÊNERO MINICONTO EM ATIVIDADES DE LEITURA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Vânia de Moraes

**Taubaté – SP**

**2018**

**Júlio César de Carvalho Santos**

## **O GÊNERO MINICONTO EM ATIVIDADES DE LEITURA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Língua materna e Línguas estrangeiras

Orientadora: Profa. Dra. Vânia de Moraes

Data: 04/05/2018

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

Professora Dra. Vânia de Moraes - Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra. Eliana Vianna Brito Kozma – Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Professora Dra. Rosália Maria Netto Prados – Universidade de Mogi das Cruzes

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dedico este trabalho à minha família e a todos os meus amigos que me incentivaram a concluir mais uma etapa em minha vida acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

À Profa. Dra. Vânia de Moraes, por suas contribuições e confiança em todo o percurso deste projeto.

À Profa. Dra. Maria Aparecida Garcia Lopes Rossi por suas colaborações essenciais, para que o tema desta pesquisa pudesse ser desenvolvido.

Aos gestores e funcionários da EMEF Profa. Nilce Cruz Figueiredo e da EE Johann Gutenberg pelo incentivo e colaboração.

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada pela partilha de conhecimento.

Aos colegas de Mestrado pela ajuda e parceria nos momentos de estudo, principalmente, à Ana Paula Quarantani pelo livro que me motivou a pesquisar e me interessar por minicontos em minha prática docente.

Aos meus familiares, que são os meus maiores incentivadores, por terem entendido a minha ausência em um momento de dedicação aos estudos.

Às minhas amigas: Ivanete Borges, Simone Silva, Margarete André, Sônia Mungai, Rosalda Jerônimo, Daniella Patrocínio e Elisandra Andreotti pelo carinho e amizade.

E por fim, a Deus pela oportunidade de concluir uma etapa tão significativa em minha vida.

*Considerou desistir, tentou, mas já era tarde.  
Aquelas palavras pousaram de tal maneira  
em seu ser, que se sentou e terminou aquele  
conto.*

*Maria Isabel Kastner*

## RESUMO

O tema desta pesquisa é o gênero discursivo miniconto, como instrumento em atividades de leitura para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Os problemas que motivaram esta pesquisa foram a ausência de divulgação do gênero miniconto no cenário escolar, a falta de material teórico que caracterize o gênero, a partir da perspectiva bakhtiniana e o material didático não apresentar o miniconto como uma proposta de atividade. Este trabalho tem como objetivo geral desenvolver um estudo sobre o gênero miniconto com vistas à sua utilização em atividades de leitura. Especificamente, a pesquisa buscou, num primeiro momento, verificar as características do gênero miniconto, a partir de seus aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos. Num segundo momento, propôs atividades de leitura de miniconto que colaborassem para o uso do gênero nas aulas de leitura e interpretação. Do ponto de vista teórico, este trabalho se fundamenta a partir das concepções bakhtinianas de linguagem, de gênero discursivo e dialogismo; dos estudos de caracterização de gênero e da abordagem sociocognitiva de leitura. Para conduzir este estudo, procedeu-se, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica que abordasse os estudos de gênero discursivo e as concepções de leitura, posteriormente, caracterizou-se o miniconto como um gênero e foram elaboradas propostas de leitura de minicontos para alunos do Ensino Fundamental e Médio. O gênero miniconto apresenta aspectos sociais e textuais que são adequados para análise em aulas de leitura, principalmente, por esse gênero ser encontrado em redes sociais muito acessadas pelo público jovem, como o Facebook e o Twitter. Nesta pesquisa, os resultados também demonstraram: a caracterização do gênero discursivo miniconto em suas dimensões sociocomunicativas, linguísticas e dialógicas e a apresentação de propostas de leitura. Assim, conclui-se que esta pesquisa contribui para a divulgação do gênero miniconto em atividades de leitura e subsídios para que o professor tenha suporte teórico e metodológico ao inserir o miniconto em sua prática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros discursivos. Minicontos. Leitura.

## ABSTRACT

The theme of this research is the discursive genre flash fiction, as an instrument in reading activities for elementary and middle School students. The problems that motivated this research were the lack of disclosure of the flash fiction genre in the school scenario, the lack of theoretical material that characterizes the genre. From the Bakhtinian perspective and the didactic material did not present the flash fiction as a proposal of activity. This work has as general objective to develop a study on the genre flash fiction with a view to its use in reading activities. Specifically, the research sought, at first, to verify the characteristics of the genre flash fiction, from its Socio Communicative, compositional and dialogical aspects. Subsequently, she proposed mini-reading activities that would collaborate for the use of gender in reading and interpreting classes. From the theoretical point of view, this work is based on the Bakhtinian conceptions of language, discursive genre and dialogism; of the studies of gender characterization and the reading Sociocognitive Approach. To do this, a bibliographical research was initially carried out to discuss discursive genre studies and reading conceptions. Later, the flash fiction was characterized as a genre and proposals were made to read mini-notes for Elementary School and High School students. The genre presents social and textual aspects that are suitable for analysis in reading classes, mainly due to this genre can be found in social networks that are very accessible to young audiences such as *Facebook* and *Twitter*. In this research, the results also showed: the characterization of the discursive genre flash fiction in its Socio Communicative, linguistic and dialogical dimensions and the presentation of reading proposals. Thus, it is concluded that this research contributes to the dissemination of the flash fiction genre in reading activities and subsidies so that the teacher has theoretical and methodological support when inserting the mini-center into their practice.

**KEY WORDS:** Discursive genres. Flash fictions. Reading.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1. CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	
1.1 O conceito bakhtiniano de gênero discursivo.....	14
1.2 O dialogismo: o discurso como expressividade do eu e o mundo.....	17
1.3 Procedimentos para caracterização de gênero discursivo.....	20
1.4 Concepções de leitura.....	24
1.4.1 A decodificação (modelo <i>bottom-up</i> ) de leitura.....	24
1.4.2 A abordagem cognitiva de leitura.....	25
1.4.3 Inferências: conceitos e considerações.....	28
1.4.4 A abordagem sociocognitiva de leitura.....	30
<b>2. CAPÍTULO 2: O GÊNERO MINICONTO EM SEUS ASPECTOS SOCIOCOMUNICATIVOS E LINGUÍSTICO-TEXTUAIS</b>	
2.1 A caracterização do gênero discursivo miniconto.....	32
2.1.1 Os aspectos sociocomunicativos do gênero miniconto.....	32
2.1.2 Os aspectos composicionais do miniconto.....	41
2.1.3 As relações dialógicas proporcionadas pelos minicontos.....	48
<b>3. CAPÍTULO 3: LEITURA DE MINICONTOS E SUGESTÕES PARA ATIVIDADES EM SALA DE AULA</b>	
3.1 A leitura de minicontos.....	52
3.2 Estratégias de leitura.....	56
3.2.1 Conhecimento prévio e objetivos de leitura.....	56
3.2.2 Leitura dos aspectos verbais e não-verbais.....	59
3.2.3 Reflexão crítica sobre o gênero.....	63
3.3 Propostas de atividades de leitura.....	68
<b>CONCLUSÃO</b> .....	76
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	79
<b>ANEXOS</b> .....	84

## INTRODUÇÃO

O tema desta pesquisa é o gênero discursivo miniconto, como instrumento em atividades de leitura para alunos do Ensino Fundamental e Médio.

O miniconto é um gênero discursivo composto por narrações produzidas com poucas palavras. Para Spalding (2008, p.59), o miniconto pode ser considerado como: “uma ‘narrativa nuclear’ de poder e efeito semelhante aos da ‘bomba atômica’: tudo está condensado em seu núcleo e é dali que deve partir a história projetada, explodida no ato da leitura”. Nesse sentido, compete ao leitor fazer as inferências necessárias atribuindo, assim, as possíveis significações.

Atualmente, o miniconto é um gênero discursivo muito divulgado nas redes sociais. Esse gênero é encontrado também em livros, contudo, é na internet que a sua leitura é mais acessível e conhecida, principalmente, pelos jovens.

Em minha experiência como docente na área de Língua Portuguesa da Rede Pública de Ensino da Cidade de São Paulo, no Ensino Fundamental e Médio, tenho notado que apesar de os alunos terem contato com o gênero discursivo miniconto, dificilmente, ele é encontrado em atividades de leitura e interpretação de texto.

Em se tratando de um texto enxuto, muitos alunos, desacostumados com a prática de compreensão de produções textuais tão pequenas, não conseguem, a priori, produzir sentidos para a leitura. As dificuldades mais comuns são: identificar a ambiguidade de sentido contida em palavras ou expressões, a falta de conhecimento prévio suficiente para reconhecer o contexto social ou histórico e a dificuldade em se valer de inferências para os implícitos do texto.

Essa iniciativa dos alunos em conhecer o gênero e poder interpretá-lo adequadamente, estimulou-me a pensar em propostas de leitura de miniconto que, inicialmente, mostrassem como o gênero miniconto é construído e, posteriormente, analisassem o seu contexto.

Nas situações propostas pelo currículo da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo – Linguagens, códigos e suas tecnologias, ainda prevalecem gêneros declarados canônicos que, em alguns casos, se distanciam do

âmbito em que os alunos buscam como leitura. Contudo, esse mesmo currículo permite uma variação do uso de textos, baseando-se no princípio de que o ato de ler circunda as relações pessoais e sociais do aluno, ou seja, é possível trabalhar com gêneros que façam parte do ambiente social do aluno, mesmo que esses não sejam contemplados em apostilas ou livros.

[...] os atos de leitura e de produção de textos ultrapassam os limites da escola, especialmente os de aprendizagem em língua materna, configurando-se como pré-requisitos para todas as disciplinas escolares. A leitura e produção de textos são atividades permanentes na escola, no trabalho, nas relações interpessoais e na vida. (SÃO PAULO, 2011, p.17-18).

Desse modo, independentemente dos recursos textuais promovidos pelos planejamentos de ensino preestabelecidos, há a possibilidade da inclusão de textos que se aproximem da vivência dos alunos, nos mais variados suportes de circulação.

Na busca de conseguir trabalhar com o miniconto, realizei pesquisas sobre materiais teóricos que analisassem essa modalidade textual como um gênero e, a partir dessa análise, eu pudesse subsidiar as aulas destacando as características linguísticas, discursivas e temáticas do miniconto. Contudo, não foi encontrada nenhuma pesquisa que caracterizasse o miniconto, baseando-se nas considerações bakhtinianas sobre gênero discursivo.

Das dissertações encontradas sobre o tema no período dessa pesquisa, destacam-se duas: a primeira, com o título: *Os cem menores contos brasileiros do século e a reinvenção do miniconto na literatura brasileira* de Marcelo Spalding pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, tendo como objetivo, investigar, além do contexto histórico do miniconto no Brasil, como o gênero se estrutura narrativamente em poucos caracteres. A segunda: *O Twitter como um novo gênero digital para o ensino de língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário microconto* de Glayse Ferreira Perroni da Silva pela Universidade de Taubaté, 2013, analisa microcontos contidos no *Twitter* priorizando, como Spalding (2008), as características narrativas do gênero.

Desse modo, destacam-se os problemas que motivaram esta pesquisa: a falta de material teórico que caracterize o gênero, a partir da perspectiva

bakhtiniana, assim como, a falta de material didático disponível para auxiliar o trabalho docente nas atividades de leitura do gênero discursivo miniconto.

Mediante o exposto, esta pesquisa tem como objetivo geral desenvolver um estudo sobre o gênero discursivo miniconto com vistas à sua utilização em atividades de leitura. Como objetivo específico, visa-se a: caracterizar o gênero discursivo miniconto, a partir de seus aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos; propor sugestões de atividades de leitura de miniconto que colaborem para o uso do gênero nas aulas de leitura destinadas aos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Desses objetivos, resultaram as seguintes perguntas de pesquisa: Quais as características do gênero discursivo miniconto? Como trabalhar o miniconto em atividades de leitura, explorando seus aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos?

Com a apresentação das características discursivas do gênero miniconto, assim como as sugestões para atividades de leitura oferecidas nesta pesquisa, espera-se colaborar com o trabalho do professor de Língua Portuguesa e, conseqüentemente, atender às necessidades dos discentes com relação a interpretação desse gênero.

Do ponto de vista teórico, este trabalho se fundamenta a partir das concepções bakhtinianas de linguagem, de gênero discursivo e dialogismo; dos estudos sobre procedimentos de caracterização de gênero e da abordagem sociocognitiva de leitura.

Para realizar este estudo, inicialmente, procedeu-se uma pesquisa bibliográfica selecionando textos que abordavam os estudos de gênero discursivo e as concepções de leitura. Sequencialmente, foram escolhidos minicontos que serviram como base para a caracterização do gênero. No intuito de se analisar minicontos em diferentes veículos, optou-se pela escolha dos seguintes meios de circulação: *blogs* e sites; redes sociais (*Twitter* e *Facebook*) e livros. Para as propostas de atividades de leitura, foram escolhidos minicontos que continham caráter narrativo e que poderiam ser utilizados para aulas de leitura aos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Na sequência, serão apresentados três capítulos cujo desenvolvimento atende às seguintes temáticas:

Capítulo 1 – Fundamentação teórica, em que serão apresentados os conceitos de gênero discursivo e dialogismo; os procedimentos de caracterização de gênero discursivo e uma síntese das concepções de leitura.

Capítulo 2 – O gênero miniconto em seus aspectos sociocomunicativos e linguísticos-textuais e dialógicos, em que se estabelece um procedimento investigatório para caracterizar o gênero miniconto mediante sua construção verbal e não-verbal, os meios de circulação do gênero e algumas referências temáticas que promove.

Capítulo 3 – Propostas de atividades de leitura de miniconto, em que vise sugerir atividades que explorem a leitura inferencial e as atitudes responsivas do leitor.

Este estudo finaliza-se com a conclusão dos ideais apresentados e com as referências dos princípios teóricos que fundamentam a pesquisa.

## **CAPÍTULO 1**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Uma investigação estruturalista do miniconto não permitiria evidenciar as composições linguísticas, sociais e dialógicas desse gênero textual. Como mencionado na introdução desta pesquisa, o miniconto se destacou entre os jovens por conter características diferentes dos habituais textos trabalhados na escola.

As teorias para a análise do miniconto e para as propostas de atividades de leitura serão direcionadas, portanto, ao conceito de gênero discursivo e de dialogismo, a partir da proposta de Bakhtin e seu Círculo, posteriormente, aos procedimentos para caracterização do gênero e, finalmente, às concepções de leitura.

#### **1.1 O conceito bakhtiniano de gênero discursivo**

Ao inserir o miniconto às aulas de leitura no ensino Fundamental e Médio, é preciso considerar que atribuindo a ele uma investigação que foque apenas em avaliar estruturalmente sua composição textual, não serão averiguados todos os recursos que esse pequeno texto traz, e conseqüentemente, serão desperdiçados itens primordiais em sua análise, como: suas condições de produção e circulação, seu estilo e seu propósito comunicativo. Para este trabalho, portanto, optou-se a estudar o miniconto, sob o conceito de gênero discursivo, proposto por Bakhtin e seu Círculo.

Para Bakhtin (2011), a língua é um fenômeno social, ou seja, ela está carregada de valores oriundos das relações sociais (fatos históricos, comportamentais e culturais). Fiorin (2009) apresenta que, à luz da teoria de Bakhtin, o papel primordial da linguagem é a comunicação e em decorrência dessa posição, o autor explica que o posicionamento de Bakhtin trouxe a discussão de que todo indivíduo está situado em determinada abrangência social, logo, o modo como ele se manifesta, por meio da linguagem, revela o seu posicionamento na sociedade. Em oposição às reflexões estruturalistas da língua, o teórico trouxe o conceito de enunciação - interação verbal dos indivíduos organizados socialmente.

Desse modo, o conceito de linguagem, por sua vez, vai além dos elementos estruturais. Não se analisa a linguagem apenas pela formação de elementos sintáticos e morfológicos, e sim a partir do enunciado, que, segundo Bakhtin (2011, p. 274), “é a real unidade de comunicação discursiva”. A investigação do enunciado, ao contrário da forma estruturalista, irá prestigiar situações como: as condições de produção e circulação, o propósito comunicativo, as formas linguísticas e o estilo. Assim, Bakhtin (2011, p. 261) considera que:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas acima de tudo, por sua construção composicional.

O estudo do enunciado não deve ser voltado apenas a verificar como o processo de formação se remete a determinado tema ou quais os recursos de estilo presentes na formação do enunciado. Bakhtin (2011) se preocupa em como as atividades humanas se organizam por meio da linguagem, pois, desse modo, é possível mensurar como os textos estão ligados a uma atividade sociocultural e carregam determinados preceitos que justificam um grupo social.

Tanto os enunciados orais quanto os escritos trazem em sua composição as características e pensamentos de seu enunciador, e o receptor, por sua vez, consegue atribuir novas formas de representação a esses enunciados pelo seu conhecimento de mundo.

Quando apenas direciona-se o estudo de um texto às estruturas e não se dispõe a destacar seu propósito comunicativo, o seu público alvo, a concepção social envolvida e o meio de circulação, apenas estipula-se uma provável tipologia textual, sem levar em conta características essenciais de produção.

Estudos focados em teorias que não permitem analisar o dinamismo que a produção textual carrega, revelam um grande déficit investigativo. Bakhtin (2011) salienta que os textos devem ser averiguados e apoiados sobre o conceito de gênero, que, segundo o autor, são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2011, p.262).

O fato de o gênero ser relativamente estável significa de algum modo uma forma de organização dos textos. É claro que a antiga organização estruturalista encadeada sob a perspectiva de três grandes blocos: dissertativos, narrativos e descritivos não atende a realidade da grande variedade de texto que existe, todavia,

é necessário haver uma referência para que o leitor possa correlacionar essas diversas modalidades textuais. O gênero carta, por exemplo, é de fácil identificação por parte do leitor. Nele, encontram-se determinados traços que lhe são peculiares, contudo, cada produção deste gênero poderá trazer conteúdos temáticos diferentes, já que as cartas podem ter variáveis intenções: de amor, aviso de cobrança, de feliz aniversário, ou até mesmo podem compor uma poesia. Sendo assim, Schneuwly e Dolz (2004) ressaltam que, independente do gênero ser um tipo relativamente estável de enunciados, o mais valorativo é o gênero ser um instrumento de interação social.

Bakhtin (2011) considera que os gêneros não devem ser aprendidos de uma forma estática, mas sim, pelo viés dinâmico de sua produção. Dessa forma, corresponder uma análise do gênero, apenas atribuindo traços de caráter normativo, perdem-se características que um estudo padronizado não permite evidenciar. Segundo Fiorin (2016, p.68):

Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maioria como eles se constituem.

Assim, um estudo direcionado ao gênero discursivo deve enaltecer os aspectos históricos, sociais, culturais e ideológicos (MELO, 2010). Em cada esfera da sociedade, há uma intervenção na utilização da linguagem na forma de enunciados (FIORIN, 2016), e esses enunciados são determinados pelas condições e finalidade de cada esfera. Isso vai decorrer nas diversas manifestações de linguagem que cada público exterioriza, pois na produção de enunciados são encontradas inserções que destacam como cada esfera faz uso da linguagem. De acordo com Bakhtin (2011, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo.

Como retratado, a língua sofre interferência do meio social, histórico e político. Sabe-se que, dependendo do lugar, do acesso à educação, cultura e tecnologia das informações, o indivíduo tem um modo característico de se expressar. Por conseguinte, essas manifestações carregarão influência da vivência de cada grupo, incluindo gírias, variações linguísticas, históricas, regionais e etc.



Os enunciados são produzidos, por intermédio de valores mediados por uma situação de uso social; conseqüentemente, para haver uma boa interpretação do contexto pretendido pelo emissor, esses traços não devem ser desconsiderados, uma vez que a intencionalidade do enunciado poderá propor referências que se diferem, a priori, de uma situação textual corriqueira, assim como ocorre no miniconto, a seguir:

**CLASSIFICADO:**

*Procuro trabalho. Aceito qualquer um oferecido.  
Pedi esmola para pagar este **anúncio**.* (ROSATTO, 2012, p. 16)

Ao ler o título Classificado, o leitor poderá atribuir que se trata da venda de algum produto, uma oferta de emprego, ou até mesmo algum profissional oferecendo seus serviços, como no texto apresentado. Todavia, recursos diferentes se apresentam na composição do texto e se tornam desiguais dos classificados comumente vistos. Desse modo, classificar esse gênero apenas pelo título que carrega, sem mensurar o propósito singular proposto pelo autor, se perderia o seu caráter criativo. Com este exemplo, pode-se notar que o gênero miniconto tem como uma de suas peculiaridades desenvolver propósitos contextuais diversos. À luz das considerações de Fiorin (2016), destaca-se:

Não só cada gênero está em incessante alteração, também está em contínua mudança de seu repertório, pois, à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, gêneros ganham um novo sentido. (FIORIN, 2016, p.72-73)

Sendo o enunciado carregado de valores ideológicos pertencentes à realidade social em que o seu produtor vivencia, todo discurso produzido é carregado de simbologias e, de certo, estabelece uma relação entre o eu e o mundo. Na próxima seção, discute-se o que Bakhtin considera como Dialogismo.

## **1.2 O dialogismo: o discurso como expressividade do eu e o mundo**

Todo discurso, seja ele oral ou escrito, é permeado de indícios de outros discursos. Não existe, de fato, um discurso que não obtenha alguma referência provinda de outras atividades discursivas. Esse processo acontece, porque os agentes da comunicação estão inseridos socialmente, logo, em todo discurso

produzido há marcas de uma interação com outras vozes que, de acordo com Wachowicz (2012):

[...] a comunicação humana não pode ser concebida simplesmente como manifestação e decodificação de informação. Há agentes envolvidos, que participam do processo comunicativo no controle do gênero, na apreensão da situação social e também na leitura das vozes implícitas ou explícitas que compõem o discurso. (WACHOWICZ, 2012, p.28).

Para Bakhtin (2011), todo enunciado é composto por palavras ou pensamentos que são provenientes de outros enunciados, ou seja, um enunciado não é produzido em um vazio, sempre se remete a algo já proferido. Perante essas relações que se remetem a outros discursos, discorre-se sobre o conceito de Dialogismo, que segundo Brait (2005):

[...] diz respeito ao permanente diálogo, nem sempre simétrico e harmonioso, existente entre os diferentes discursos que configuram uma comunidade, uma cultura, uma sociedade. É nesse sentido que podemos interpretar o dialogismo como o elemento que instaura a constitutiva natureza interdiscursiva da linguagem. (BRAIT, 2005, p. 94-95)

Fiorin (2016), também, sobre o conceito de Dialogismo considera:

[...] todo enunciado é dialógico. Portanto, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, pelo menos duas vozes. Mesmo que elas não se manifestam no fio do discurso, elas estão aí presentes. (FIORIN, 2016, p. 27)

Tudo aquilo que se produz ou foi produzido tem influência de outras vozes, sendo o enunciado carregado de valores ideológicos, sociais e culturais, esses valores não apenas identificam o emissor, como também, influenciam os pensamentos para a produção de outros discursos.

Embora não seja possível se desvincular de outros discursos, isso não significa aceitar o que esses discursos defendem. Às vezes, a referência feita, mesmo que involuntariamente, não tem como propósito apenas a aceitação, e sim, tratar o discurso alheio como o inverso do que se defende.

Segundo Brait (2005, p. 93), “a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado”. Como seres repletos de valores sociais e históricos na prática da linguagem, é possível proferir opiniões a partir do pensamento de alguém. Nessa relação interdiscursiva, o discurso do outro poderá ser o fundamento para o posicionamento que se quer defender ou refutar.

Fiorin (2016), ao retratar sobre o terceiro conceito de Dialogismo proposto por Bakhtin, apresenta como é inferido o posicionamento do sujeito a partir da relação dialógica que se estabelece com outros discursos:

A apreensão do mundo é sempre situada historicamente, porque o sujeito está sempre em relação com outro(s). O sujeito vai constituindo-se discursivamente, aprendendo vozes sociais que compõem a realidade em que está imerso, e ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas. Como a realidade é heterogênea, o sujeito não absorve apenas uma voz social, mas várias, que estão em relações diversas entre si. Portanto, o sujeito é constitutivamente dialógico. Seu mundo interior é formado de diferentes vozes em relações de concordância ou discordância. Além disso, como está sempre em relação com o outro, o mundo interior não está nunca acabado, fechado, mas em constante vir a ser, porque o conteúdo discursivo da consciência vai alterando-se. (FIORIN, 2016, p.61).

O sujeito se torna agente de seu próprio discurso mesmo que não haja concordância com o discurso no qual se baseou. Essa habilidade de produzir discursos a partir de outros, e por meio deles poder se posicionar, faz com que o enunciado produzido seja sempre carregado de considerações que já foram discutidas e a partir delas se criem novas relações dialógicas que irão compor novos enunciados.

Essas relações dialógicas estão presentes e se fazem necessárias em muitas produções de minicontos quando o objetivo, por exemplo, seja retratar uma opinião crítica a respeito de determinado fato político ou social. Sem se estabelecer essa concepção dialógica, o leitor não será capaz de se posicionar sob o tema proposto no texto e também terá dificuldades em compreender o que o autor intrinsecamente quis proferir no conjunto de suas ideias.

O texto, a partir das indagações mencionadas por Bakhtin (2011), ilustra que perante a questão da leitura, o entendimento de um enunciado está compartilhado a uma atitude responsiva ativa do leitor, ou seja, o leitor carrega com ele conhecimentos capazes de articularem com os ideais do enunciadador. Por isso, um leitor mais crítico é capaz de realizar uma leitura mais assertiva de um texto, e a partir daí, resgatar o que de fato ele atribui como importante ou irrelevante ao conhecimento.

O leitor atribui na leitura seu conhecimento e dialoga o tempo todo com o texto; todavia, esse posicionamento do leitor deve se atentar a *intentio operis*, ou seja, a intenção proposta pelo autor. “Assim, os limites da interpretação não permitem que, no processo de leitura, se façam associações livres ou que se considerem simbólicas as unidades isoladas” (FIORIN, 2009, p.49).

As relações dialógicas são essenciais para a compreensão do texto; o leitor exerce uma posição ativa no processo de leitura e a partir desse posicionamento consegue assimilar a proposta pretendida pelo autor aceitando-a ou não. Fiorin (2009) sugere duas maneiras de o leitor se estabelecer diante ao texto. A primeira de forma monológica, influenciada pelas chamadas vozes de autoridade cuja aceitação torna-se indiscutível; e a segunda, com uma consciência dialógica proveniente das vozes internamente persuasivas em que o leitor consegue observar na leitura não apenas uma voz que dita determinados fatos, e sim, a presença de vozes que se permitem modificar, que para Fiorin (2009) constrói a liberdade da alma.

### **1.3 Procedimentos para caracterização de gênero discursivo**

Bakhtin (2011) aborda que compreender um gênero discursivo significa considerar os seus elementos estáveis e suas variações. Essas variações são influenciadas, principalmente, pelo contexto histórico-social em que o gênero se insere. Diante disso, Brandão (2000) afirma que o gênero deve ser trabalhado por meio de uma perspectiva discursiva em que sejam consideradas as suas concepções sócio-históricas (influenciadas por uma determinada cultura) e por sua materialidade linguística, manifestada em diferentes formas de textualização.

Desse modo, a análise de um gênero a partir de uma investigação estruturalista, cujo objetivo seja apenas destacar a materialidade linguística descontextualizada ou a sua estrutura, perde-se a oportunidade de se verificar itens importantes à constituição do gênero. Nesta pesquisa, com a finalidade de propor uma análise do gênero a partir dessa perspectiva discursiva, serão abordadas as contribuições de Lopes-Rossi (2006), Sobral (2009) e Lima (2014), sobre os procedimentos de caracterização de um gênero discursivo, por intermédio do conceito de gênero discursivo, apresentado por Bakhtin (2011).

Lopes-Rossi (2006) apresenta que mesmo o professor tendo uma excelente formação e conhecimento de diversos gêneros discursivos, há a necessidade de algum gênero ser analisado, por meio de critérios mais específicos ao trabalho pedagógico. Com o intuito de auxiliar o professor nessa análise, a autora aponta que, para início da caracterização de um gênero discursivo, é viável considerar os

aspectos sociocomunicativos (condições de produção e circulação, temáticas e propósito comunicativo) e, posteriormente, destacar os aspectos linguísticos e a construção verbal e não-verbal do gênero.

O primeiro procedimento, proposto por Lopes-Rossi (2006), refere-se à escolha de um *corpus* para análise do gênero escolhido, atentando-se à seleção de textos que contenham fontes e autores diferentes, com a intenção de garantir possíveis variações do gênero. Sobral (2009), também salienta a importância dessa escolha para uma investigação mais precisa do gênero discursivo, segundo o autor:

[...] deve-se sempre considerar mais de um texto de um gênero quando da análise de um deles, porque a análise de um só texto no âmbito do gênero é uma exemplificação válida de análise “genérica”, mas pode criar dificuldades para desvelar elementos válidos em termos de gênero, dado que nenhum texto é em princípio típico de um dado genérico, apesar das cristalizações de formas de alguns gêneros (SOBRAL, 2009, p. 89-90).

Em seguida, Lopes-Rossi (2006) mostra que para o estudo do contexto enunciativo é necessário considerar três elementos: a finalidade comunicativa, o tema e as condições de produção e circulação do gênero discursivo.

A finalidade comunicativa refere-se à função do gênero na sociedade, que conforme a autora, “todo gênero tem uma função comunicativa que é sua característica principal” (LOPES-ROSSI, 2006, p. 4). Quanto ao tema, salienta que é primordial determinar quais as temáticas possíveis do gênero, de acordo com o seu propósito comunicativo, que podem ser apenas uma ou várias.

A análise das condições de produção e circulação é apresentada por Lopes-Rossi (2006) como um procedimento que busca detalhar mais cuidadosamente a inserção dos gêneros discursivos nas práticas sociais. Para isso, a pesquisadora recomenda algumas questões, como:

Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Onde? Quando? Com base em que informações? Como o redator obtém informações? Quem lê esse gênero? Por que o faz (com que objetivos o lê?) Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influência pode sofrer devido a essa leitura? (LOPES-ROSSI, 2006, p.4).

Os procedimentos de estudo do contexto enunciativo, conforme Lopes-Rossi (2006, p.4) “dependem muito mais de um conhecimento de mundo de como o gênero ‘funciona’ na sociedade atual do que precisamente da leitura detalhada dos exemplos selecionados”. Esses elementos são considerados pela autora como aspectos sociocomunicativos do gênero.

As características composicionais do gênero, apontadas por Lopes-Rossi (2006), são identificadas por uma leitura global dos exemplos escolhidos para análise, verificando os elementos verbais e não-verbais, em relação ao posicionamento e ao tamanho (título, gráficos, ilustração, cores, tabelas, etc.) e às características do suporte adequado ao gênero analisado.

Dois outros procedimentos expostos por Lopes-Rossi (2006) são: as características do texto verbal e dos elementos não-verbais do gênero e o conhecimento das características linguísticas. O primeiro é identificado, a partir de uma leitura mais detalhada, observando como as informações são distribuídas no suporte. A autora relata que para o texto verbal “deve-se perguntar com que informações começa, como se desenvolve, como termina, qual o padrão geral de organização do texto ou quais variações” (LOPES-ROSSI, 2006, p. 5). O seguinte, tem como objetivo, por intermédio de uma leitura minuciosa, observar os aspectos linguísticos do gênero: a formalidade textual, o vocabulário, a construção das frases, pontuação, etc.

Por último, Lopes-Rossi (2006) destaca a importância das marcas enunciativas típicas do gênero, por revelarem: a identificação da imagem que o enunciador quer transmitir, a imagem que ele atribui ao co-enunciador, o tom do texto, como o autor se mostra ou se oculta, a impessoalidade das formas verbais e a modalização do discurso.

Assim como Lopes-Rossi (2006), Sobral (2009), com o objetivo de caracterizar o gênero discursivo, apresenta dois princípios, que segundo o autor, são necessários para a caracterização do gênero. O primeiro engloba a esfera de atividade em que o gênero circula (princípio macrogenérico) e o outro, chamado de princípio microgenérico, visa analisar os aspectos referentes à materialidade textual.

De acordo com Sobral (2009), uma investigação macrogenérica deve considerar:

1. Determinar em que esfera(s) de atividade se situa o gênero que mobiliza o texto a ser analisado, a fim de descrever sua forma específica de realização de atos discursivos num dado momento histórico;
2. Desvendar o que confere, no âmbito da esfera, certas características ao gênero, reconhecendo com isso que esfera e gênero se constituem mutuamente;

3. Examinar à luz desses elementos, as discursividades que se manifestam e as textualidades mais ou menos típicas do gênero em análise, levando em conta as discursividades e textualidades que se fazem presentes em diferentes gêneros;

4. Partir ao mesmo tempo do particular (o texto dado) para o geral (o postulado a ser descoberto no plano do discurso do ponto de vista do gênero), ou seja, das marcas que a enunciação deixa nos enunciados, e do geral (o contexto em sentido amplo) para o particular (a inserção do texto num dado contexto), a fim de dar conta de o fato de que o extradiscursivo só existe no discurso intradiscursivizado, mas nem por isso é menos extradiscursivo (e vice-versa) (SOBRAL, 2009, p.89)

Quanto à uma análise microgenérica, consoante Sobral (2009), deve-se:

1. Analisar qualitativamente elementos que permitam caracterizar os textos como membros de um gênero, e revelar suas especificidades como gênero em termos da esfera de produção, circulação e recepção;
2. Analisar as estratégias de inter-auto-formação dos textos a partir do gênero;
3. Analisar os modos específicos de esse gênero criar interação(ões) locutor-interlocutor, ou seja, as formas de autoatribuição de competência enunciativa pelo autor objetivado;
4. Analisar os modos específicos de o locutor buscar levar o interlocutor a aceitar as “teses” defendidas em seu projeto enunciativo o âmbito do gênero (SOBRAL, 2009, p.92).

Sobral (2009), em sua proposta de caracterização de gênero discursivo, busca destacar os princípios de como o texto se materializa como gênero, por meio da influência sócio-histórica e como o gênero pode ser visto por seus aspectos de produção, circulação e recepção, a partir de uma resposta ativa do interlocutor.

Além das contribuições de Lopes-Rossi (2006) e Sobral (2009), Lima (2014) propõe quatro dimensões de análise, que o autor considera indissolúveis à constituição do gênero. A primeira, *relação interlocutiva*, refere-se à forma mutável de o locutor e o interlocutor dialogarem. Em Lopes-Rossi (2006), trata-se das condições de produção e circulação do gênero. A segunda, *construção composicional*, tem como referência uma análise sobre a organização do verbal e não-verbal que compõem o enunciado. A terceira, *conteúdo temático*, trata-se do sentido e significações do material verbal no contexto e a última, *estilo*, está relacionada a como os sujeitos falantes tomam enunciados e gêneros para compô-los em situações que atinjam determinados objetivos comunicativos.

Conforme os autores citados, conclui-se que o gênero deve ser caracterizado por meio de elementos que considerem seus aspectos sociocomunicativos (as condições de produção e circulação, a temática e o propósito comunicativo) e os aspectos composicionais (a constituição dos

elementos verbais e não-verbais). Nesta pesquisa, optou-se em caracterizar o gênero miniconto de acordo com as características propostas por Lopes-Rossi (2006).

#### **1.4 Concepções de leitura**

Nesta seção, tem-se como propósito apresentar os estudos realizados sobre algumas formas de se proceder a leitura. Parte-se da visão de leitura como um processo de decodificação e passa-se a valores inferenciais e à abordagem sociocognitiva.

##### **1.4.1 A decodificação (modelo *bottom-up*) de leitura**

O modelo de leitura conhecido como *bottom-up* (ascendente) é considerado um processo de decodificação, em que o leitor tem o texto como parâmetro sem fazer inferências sobre ele. A percepção do leitor está no processamento do corpo do texto, o conjunto de letras, palavras ou frases..., assim como afirma Solé (1996). Na decodificação, a leitura poderá apenas encontrar pequenos deslizes estruturais, e não permitir inferir pontos de vista nas informações contidas.

Conforme Kato (1985, p.40), o processo ascendente é aquele que “[...] constrói o significado com base nos dados do texto, fazendo pouca leitura nas entrelinhas [...]”. Dessa forma, o leitor não se manifestará quanto ao conteúdo implícito do texto, terá dificuldades de elencar suas ideias e de despertar sua opinião a partir do tema proposto.

Segundo Sousa e Gabriel (2009), decodificar significa ter acesso ao código, contudo, apesar de a maioria dos alunos em processo de alfabetização, por exemplo, resolver inicialmente a decodificação, ou seja, ser capaz de obter fluência na leitura, a compreensão pode não ser atingida dessa maneira. Essa concepção de leitura, desconsiderando uma interação de conhecimentos do leitor, não é suficiente para uma boa leitura. Ler fluentemente, perceber a estrutura do texto ou analisar um conjunto de palavras ou frases, não significam que há a capacidade de compreender bem o texto. Consoante Solé (1996, p.23) “a leitura sempre envolve a compreensão



do texto”. Por isso, considera-se nesta pesquisa que se o aluno apenas decodificar os minicontos, ele não conseguirá entender os implícitos do texto e poderá não compreender o texto ou achá-lo desinteressante.

#### **1.4.2 A abordagem cognitiva de leitura**

O conceito de concepção cognitiva de leitura está diretamente ligado a dois processos. O primeiro, de decodificação, conhecido como *bottom-up*, que segundo Kato (1985) baseia-se nas informações visuais e lineares do texto e na análise do significado por partes. Essa abordagem é constituída do menor para o maior de maneira ascendente, ou seja, do texto para o leitor. A decodificação, portanto, conduz à certa proficiência de leitura, mas não permite interação do leitor com o texto.

O segundo processo é chamado de *top-down* e se configura com a participação do leitor, por meio de seus conhecimentos prévios no ato de ler. Kato (1985) denomina este processamento descendente como uma abordagem não-linear, em que o leitor faz uso de seus conhecimentos prévios, partindo do macro para o micro, ou seja, dos seus conhecimentos para o texto. A autora explica que nessa forma de processamento do texto, o leitor faz excesso de adivinhações porque desconsidera informações do texto. Então, o que caracteriza uma boa leitura é a interação das duas formas de processamento: a decodificação (*bottom-up*) e o processamento descendente (*top-down*). Essa concepção de leitura foi chamada de “interativa”, como explicam Kato (1985) e Solé (1996).

O leitor, inserido em um determinado contexto social, traz uma bagagem de conhecimentos cuja formação vem advinda da sua vivência. Dessa maneira, como afirmam Wolff e Lopes (2014 p.183), “ [...] diferentes pessoas lendo o mesmo tempo podem apresentar variações no que se refere à compreensão deste, segundo a natureza de suas contribuições pessoais ao significado”. Apesar de haver a possibilidade de cada leitor compreender o texto de uma maneira diversificada, conforme afirma Marcuschi (1996), a compreensão de um texto não é um “vale

tudo”, pois um texto apesar de permitir muitas leituras, algumas podem ser consideradas errôneas e contraditórias ao que o texto afirma.

Os conhecimentos prévios do leitor, como explicam Kato (1985) e Solé (1996), podem ser divididos em conhecimentos linguísticos (os conhecimentos prévios sobre o funcionamento da língua – fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), conhecimento textual (identificar a tipologia de texto), conhecimento enciclopédico ou de mundo (os conhecimentos armazenados a partir da experiência de vida).

Koch (2005a) explica que os conhecimentos prévios se armazenam em nossa memória por meio de modelos cognitivos que são classificados em: Frames (acionados na memória, por intermédio de modelos considerados como globais, por exemplo, como funciona uma Festa de Aniversário, o Carnaval); Esquemas (modelos considerados como mentais sem a necessidade de uma explicação de cada fato. Exemplo: “Almoçaremos às 12h e a partir das 13h iniciaremos a reunião”. Não se faz necessário detalhar o que aconteceu no período de uma hora do almoço, os fatos já são subentendidos); Scripts (referem-se à noção estabelecida por papéis esperados por uma determinada situação. Exemplo: “Teremos um excelente professor de História no ano que vem”. Nesse caso se imagina como seria um professor excelente sem a necessidade de características que justifiquem o adjetivo); Cenário: O lugar. Koch (2005a) destaca o que são esses modelos cognitivos:

São caracterizados como estruturas complexas de conhecimentos, que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e que servem de base aos processos conceituais. Frequentemente, são representados em forma de redes, nas quais as unidades conceituais são concebidas como variáveis ou “slots”, que denotam características estereotípicas e que, durante os processos de compreensão, são preenchidas com valores concretos (“fillers”). Constituem, pois, conjuntos de conhecimentos socioculturalmente determinados e vivencialmente adquiridos, que contêm tanto conhecimentos sobre cenas, situações e eventos, como conhecimentos sobre como agir em situações particulares e realizar atividades específicas (KOCH, 2005a, p.96)

Ao se deparar com um texto, involuntariamente, é estabelecido um objetivo de leitura, seja para um momento de lazer, uma leitura obrigatória para um concurso ou prova, ou até mesmo para aprender a fazer um bolo. Dessa maneira, assim como afirma Solé (1996), a interpretação que o leitor obtiver no seu ato de ler dependerá em grande parte do objetivo que foi estabelecido para essa leitura. Justifica-se que,

o mesmo texto pode ser lido com diferentes finalidades, pois cada leitor poderá abstrair diferentes informações sobre o contexto. A autora afirma que:

[...] o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos” (SOLE 1996, p. 22).

Assim, o significado do texto, também, é construído pelo leitor, a partir do que ele traz de conhecimento e do que ele pretende com a leitura. A escolha para ensinar a ler e compreender um texto, portanto, assim como a autora salienta, deve levar em conta os objetivos pretendidos.

O leitor estabelece objetivos para a composição de sua leitura, e além desses objetivos ele constrói uma interpretação do texto e promove o que se denomina inferência. Segundo Marcuschi (1996), inferência é uma atividade de cognição em que há a junção de informações já conhecidas pelo leitor para se atingir novas informações. Portanto, o leitor, ao se deparar com o contexto, carrega os seus conhecimentos prévios à leitura e estabelece novas informações.

Quando as informações de um texto se apresentam de maneira implícita, o leitor usa de inferências para compor os sentidos do texto. Segundo Koch (2005a), o processo de compreensão está atrelado a uma construção, em que as atividades de sentido do texto despertam os conhecimentos prévios do leitor.

Há duas formas de estratégias de leitura: uma considerada como cognitiva, que se desenvolve de maneira automática e inconsciente; a outra metacognitiva, que se desenvolve com um controle do conhecimento de maneira mais consciente, como expõe Kato (1985). Ao usar estratégias metacognitivas, o leitor estabelece um objetivo claro de leitura e busca sua compreensão monitorando esse objetivo.

Segundo Kato (1985), o propósito para conduzir uma boa leitura visa estabelecer claramente os objetivos, buscando a compreensão do tema do texto e estabelecendo uma relação de comparação do que o leitor já sabe sobre o assunto com o que o texto apresenta.

### 1.4.3 Inferências: conceitos e considerações

Sendo o miniconto um gênero cujas especificidades se distanciam de outros gêneros mais habituais, uma preocupação latente se destaca quanto ao posicionamento do leitor perante o texto, isso se deve pelo fato de o miniconto conter número reduzido de palavras e a necessidade de o leitor precisar de seu conhecimento prévio e de suas habilidades de leitura para compreender o texto.

O processo de leitura exige uma interação entre o texto e o leitor. Essa interação é necessária para que o leitor possa compreender o propósito do texto e atribuir a ele significados. Solé (1996) enfatiza a importância de se direcionar ao ato de ler inserções inferenciais, para que o texto possa ser bem explorado e compreendido.

Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1996, p. 23)

A partir desse processo interativo, o leitor poderá adquirir conhecimento, aumentando a sua capacidade cognitiva. Assim, justifica-se o que Coscarelli (2002) afirma quando menciona que para a compreensão textual é necessário haver uma combinação entre a informação exposta no texto e o conhecimento do leitor.

O texto leva o leitor a articular o seu conhecimento prévio para preencher determinadas “lacunas” em seu contexto. Esse procedimento, que muitas vezes, é conhecido como os meios implícitos textuais são direcionados ao conceito de inferência, contudo, conforme Vargas (2015):

A noção de lacunas a ser preenchida ainda não contempla uma visão plenamente interativa da leitura e do processamento da informação, uma vez que o foco ainda se encontra no texto e, assim, não se nota uma visão na qual o leitor e texto atuam em igualdade de condições na construção de significados (VARGAS, 2015, p. 315)

Inferências, de acordo com Coscarelli (2002, p. 2), “são operações cognitivas que o leitor realiza para construir proposições novas a partir de informações que ele encontrou no texto”. Embora o conceito de inferência esteja atrelado ao processo de compreensão, ainda assim, há situações divergentes nesse processo, pois cada leitor poderá realizar uma inferência, de acordo com o conhecimento e expectativas que o conteúdo lhe convier. Solé (1996) pondera:

o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos (SOLÉ, 1996, p.22)

Desse modo, o significado do texto, também, é construído pelo leitor, através daquilo que ele traz de conhecimento e do que ele pretende com a leitura. Contudo, apesar de haver uma relativa liberdade para as inferências, Coscarelli (2003) defende que as inferências feitas pelo receptor do texto devem ser permitidas pelo contexto, caso contrário, poderão surgir leituras contraditórias do que foi proposto pelo autor.

Vargas (2015) discute que o procedimento de leitura inferencial não pode ser apenas sancionado com a prioridade de tentar compreender o texto acionando o conhecimento prévio do leitor, e a partir dele, ser capaz de entender o que o autor quis articular em suas ideias. A interatividade se faz essencial para se atribuir significado ao texto. Se não houver interação, as inferências realizadas na leitura não serão, de fato, instrumentos para a compreensão textual. Assim sendo, o autor discorre:

[...] apenas é possível discutir a geração de inferências como um processo constitutivo da cognição humana se entendermos que o processamento da leitura se dá de maneira interativa e, de igual maneira, só é possível entender a leitura como verdadeiramente interativa se entendermos a geração de inferências como um processo básico de significação, por meio do qual é possível construir o significado de maneira negociada entre leitor e texto. Torna-se, portanto, incoerente à existência de um processamento interativo de leitura a concepção de uma visão ascendente sobre a inferenciação, uma vez que, se se entende a geração de inferências como partindo da articulação entre as partes do texto, ignora-se o papel fundamental desempenhado pelo conhecimento prévio do leitor. Uma visão interativa sobre a geração de inferências deve concebê-las como partindo tanto do leitor como do texto em um processo constante de construção de significados (VARGAS, 2015, p. 316).

Outro aspecto sobre o conceito de inferência são os critérios apresentados por Coscarelli (2003) sobre o que seria de fato uma inferência. O primeiro viabiliza o procedimento de inferenciação quando o leitor acrescenta informações que não foram inseridas na composição textual; o segundo, quando o leitor tem a opção de inserir uma informação, se a informação for obrigatória perderá o valor inferencial.

A inferência é um procedimento do leitor quando este articula com o texto, depositando nele seu conhecimento de mundo para obter um significado às informações não explicitadas. A partir do significado obtido pelo leitor, ele será capaz de estabelecer compreensão e conseguirá interagir com a proposta pretendida pelo

autor, contudo, conforme exposto, essas inferências não podem extrapolar o contexto exposto no texto para não ocorrer leituras contraditórias.

#### **1.4.4 A abordagem sociocognitiva de leitura**

De acordo com Marcuschi (2008), a língua é vista como um conjunto de atividades sociais e históricas. Ela não pode ser regida como um sistema fechado, ignorando suas manifestações de uso. Desse modo, analisar a língua em um estudo dirigido a seus valores morfológicos ou sintáticos, por exemplo, tende a ser uma maneira generalizada, deixando de lado o contexto em que a língua é utilizada, as diversas situações de comunicação e a influência do contexto social e histórico em sua constituição.

A linguagem é mediada por indícios que colaboram para expor as manifestações culturais e situar o leitor em um determinado cenário. Segundo Koch (2005b), a linguagem media uma interação entre o mundo considerado biológico e o que é referenciado no mundo sociocultural. Perante isso, a linguagem está preenchida de valores que não são apenas característicos de um determinado tipo de texto, ela transcende a composição estrutural do texto para exemplificar os seus meios ideológicos.

Marcuschi (2008), discute que para haver uma compreensão bem sucedida de um texto, o conceito do ato de compreender deve envolver o posicionamento ativo do leitor, assim:

Compreender bem um texto não é uma atividade natural nem uma herança genética; nem uma ação individual isolada do meio e da sociedade em que se vive. Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. Compreender não é uma ação apenas linguística ou cognitiva. É uma forma de inserção do mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade (MARCUSCHI, 2008, p. 229-230)

Outro fator importante a retratar, refere-se ao conhecimento carregado pelo leitor que acentua a compreensão e a receptividade perante o texto. Em uma abordagem cognitivista, o conhecimento é estruturado na mente do indivíduo com a finalidade de resolver situações vivenciadas no ambiente. Ambiente que é analisado e representado internamente, como mencionado por Koch (2005a). A autora,

todavia, ressalta a importância da atuação do indivíduo na sociedade, propondo-se em elucidar o que se faz necessário:

Uma visão que incorpore aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo baseia-se no fato de que grande parte dos processos cognitivos acontecem na sociedade e não exclusivamente nos indivíduos. Essa visão, efetivamente, tem se mostrado necessária para explicar tanto os fenômenos cognitivos quanto culturais. (KOCH, 2005a, p. 98-99).

Tendo a língua e a linguagem, em uma abordagem sociocognitiva, inseridas em um ambiente social e histórico, o texto, por sua vez, é constituído por valores e não poderá ser avaliado de forma procedimental, eximindo as referências que traz em seu contexto. Logo, o texto é visto como um exemplar de gênero discursivo, e não como uma identificação simplória, estipulando a que tipologia textual se enquadra.

Segundo Koch (2005a), o contexto passa a ser construído pela interação entre sujeitos. O leitor articula os ideais propostos no contexto do texto, agindo de forma ativa, expondo seu conhecimento e inserindo inferências nas marcas de interpretação não especificadas claramente. Essa interatividade entre os interlocutores, como mencionado pela autora, permite uma ação dialógica entre os sujeitos, sendo que o leitor, além de identificar a parte organizacional e mobilizar o seu conhecimento, interage com o que lhe é exposto.

Consoante as teorias destacadas neste capítulo, serão apresentados, no capítulo a seguir, os aspectos sociocomunicativos e composicionais que compõem o gênero miniconto, além das possíveis relações dialógicas encontradas no gênero.

## **CAPÍTULO 2**

### **O GÊNERO MINICONTO EM SEUS ASPECTOS SOCIOCOMUNICATIVOS E LINGUÍSTICOS-TEXTUAIS**

Sendo o miniconto dificilmente divulgado nas escolas, como proposta de leitura e interpretação de texto, pouco se sabe como esse gênero pode ser utilizado como um recurso de atividade de leitura nas aulas. Neste capítulo, pretende-se caracterizar o gênero miniconto e colaborar para a solução de um dos problemas que motivou esta pesquisa: a falta de material teórico que caracterize o gênero miniconto.

Dessa forma, objetiva-se atender também ao primeiro objetivo proposto: verificar como o miniconto se caracteriza como gênero, descrevendo as condições de produção e circulação, suas temáticas e seu propósito comunicativo.

#### **2.1 A caracterização do gênero discursivo miniconto**

Caracterizar o miniconto como gênero discursivo permite que o professor que desejar trabalhar com esse gênero em sala de aula possa obter informações que o auxiliem em sua prática pedagógica. O miniconto, apesar de ter uma grande circulação entre os leitores mais jovens, dificilmente, é encontrado como uma proposta de leitura em materiais de apoio pedagógico. A seguir, serão apresentados os aspectos a serem considerados para a caracterização do miniconto como gênero discursivo.

##### **2.1.1 Os aspectos sociocomunicativos do gênero miniconto**

Conforme as contribuições de Lopes-Rossi (2006), procede-se a caracterização do gênero miniconto, inicialmente, apontando os seus aspectos sociocomunicativos. Dessa forma, abordam-se as características de suas condições de produção e circulação, temática e finalidade comunicativa.



Para início da caracterização do gênero miniconto, é importante salientar o seu contexto histórico. Segundo Dias et al. (2012, p. 80) “o gênero miniconto teve início em 1959, com o guatemalense Augusto Monterroso, que escreveu o miniconto ‘O dinossauro’, considerado um dos menores de que se tem notícia”. O autor, em apenas uma linha, escreveu: “*Quando acordou, o dinossauro ainda estava lá*”<sup>1</sup>.

No Brasil, na década de 70, Dalton Trevisan escreveu minicontos que foram publicados na antologia *O conto brasileiro contemporâneo*, de Alfredo Bosi. Apesar de não serem identificados a priori como minicontos, os textos já evidenciavam uma tendência minimalista na arte de escrever de Trevisan, que consoante Sanches Neto (1996, p. 126), Trevisan se portava “fora da concepção tradicional do conto, criando uma forma de expressão pessoal que põe em xeque os parâmetros da crítica”.

De acordo com Spalding (2012), quatro contos produzidos por Trevisan para a coletânea de Alfredo Bosi eram constituídos por menos de duas páginas, sendo eles: Cemitério de Elefantes, de 1964 e O Apelo, O Ciclista e Bonde, de 1968 (ANEXOS: 1, 2, 3, 4). Esses contos, embora não fossem reconhecidos como miniconto pela crítica da época, já caracterizavam a brevidade dos textos do autor.

Contudo, foi com a obra *Ah, é?*, de 1994 que Trevisan apresentou o seu lado mais enxuto de escrever. Marchi (2003, p.89) relata o impacto que essa obra trouxe por seu contexto minimalista repleto de significados e provocações. Segundo a autora, em *Ah, é?*: “O real e o natural de Trevisan é alucinante: rompe com as formas canônicas do conto, do romance e mesmo do haikai [...], fragmentadas em 187 trechos, fugindo da representação da realidade pela via linear”.

Ao contrário dos contos de Trevisan publicados em *O conto brasileiro contemporâneo*, os minicontos apresentados em *Ah, é?* foram construídos com características mais próximas dos minicontos hoje encontrados. Trata-se de minicontos com um número reduzido de caracteres e com um formato bem característico de textos narrativos, assim como o apresentado a seguir:

---

<sup>1</sup> Fonte: < <http://www.letraseartes.com.br/2013/09/quando-acordei-o-dinossauro-ainda.html>>. Acesso em 24 de set. 2017

*Domingo inteiro em pijama, coça o umbigo. Diverte-se com os pequenos anúncios. Em sossego na poltrona, entende as borbulhas do gelo no copo de bebida. Uma velhice tranquila, regando suas malvas à janela, em manga de camisa. Única dúvida: ganhará o concurso de palavras cruzadas?*<sup>2</sup>

O miniconto descreve o relato de um idoso em um dia de domingo, o autor apresenta o personagem com uma única preocupação: se tornar um vencedor de palavras cruzadas. Apesar de ser uma narrativa breve, o texto apresenta o cenário e as ações da personagem.

Na literatura brasileira, Trevisan com a publicação de *Ah, é?* trouxe um novo formato para confecção de contos, assim como afirma Spalding (2012, p. 72) “a partir de *Ah, é?*, operou-se uma espécie de reinvenção do gênero em nossa literatura [...], pois diversos livros foram publicados a partir de então com minificções”. Entre eles, de acordo com o autor, destacam-se: Maria Lúcia Simões, *Contos contidos* (1994); as narrativas de João Gilberto Noll, *Relâmpagos* (1998); Luiz Arraes, *A luz e a fresta* (1999) e *Os cem menores contos brasileiros do século*, uma coletânea de minicontos elaborados por autores, como: Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Manoel de Barros e Dalton Trevisan, organizada por Marcelino Freire, em 2004.

Fora as obras mencionadas por Spalding (2012), destaca-se também a obra de Edson Rossato. Rossato, inicialmente, escreveu minicontos por meio de sua página no Twitter pelo usuário: @edsonrossatto. Essas postagens geraram, em 2012, a publicação de uma coletânea de minicontos chamada *Cem Toques Cravados*, pela Editora Europa.

Além desses livros destinados à produção de minicontos, esse gênero é veiculado, também, na internet. Essas produções, ao contrário, das mencionadas até aqui, são elaboradas por autores, em sua maioria desconhecidos, que criam os minicontos utilizando pseudônimos ou os elaboram anonimamente.

Um dos ambientes virtuais mais utilizados para a confecção de minicontos é o *Twitter* (ANEXO 5). Essa rede social é um instrumento de divulgação do gênero

<sup>2</sup> Fonte: <[http://www.releituras.com/daltontrevisan\\_ahe.asp](http://www.releituras.com/daltontrevisan_ahe.asp)>. Acesso em 6 de nov. 2017.

miniconto por atender uma necessidade bem típica da contemporaneidade: a falta de tempo. Assim como, menciona Silva (2013):

[...] o *Twitter* revela-se o gênero digital ideal para se trabalhar a leitura e escrita de microcontos, [...] a estrutura dos *tweets* limitada a cento e quarenta caracteres adequa-se perfeitamente às micronarrativas, pois elas são capazes de condensar uma história em poucos caracteres. (SILVA, 2013, p. 83).

Por ter um limite de caracteres, o Twitter – como suporte para a leitura e escrita de minicontos – atende às expectativas de um leitor cada vez mais propenso a pequenos textos.

Os teóricos do miniconto dizem que o gênero está voltado a uma “estética da brevidade”, atendendo ao culto da velocidade e de uma cultura de impacto. Segundo Ferraz (2007, p.38), “uma das recorrências do miniconto, é a surpresa do fim do texto. Com a vantagem de não se precisar ler 345 páginas até chegar a ela”.

Desse modo, pode-se mensurar que o propósito comunicativo desse gênero é entreter, fazer o leitor refletir sobre o tema, despertar emoções a partir de uma leitura concisa e significativa. Ferraz (2007) sob essa ótica considera:

Dá para comparar um miniconto a uma boa piada. Esta não pode ser comprida demais senão a atenção de quem a ouve vai para o espaço. Há uma história, na anedota, que pega o ouvinte de cara, desenvolve-se e fecha com uma frase surpreendente ou por uma situação inesperada dos personagens, provocando o riso pela surpresa. O miniconto, como qualquer ficção curta, tem de pegar o leitor de cara, com recursos expressivos capazes de interessá-lo a seguir o desenvolvimento da história até chegar a uma reviravolta que provocará a surpresa e que geralmente é o objetivo do escritor. (FERRAZ, 2007, p.38)

Spalding (2012) destaca que o miniconto apresenta particularidades que não se assemelham diretamente ao conto, que seria considerado o gênero mais próximo o qual o miniconto poderia ser comparado. O conto possui uma quantidade mais acentuada de caracteres, não tem a necessidade de usar tantos implícitos como os recorrentes no miniconto e a estruturação de um texto narrativo fica mais evidente, o que no miniconto pode ficar subentendida.

Na definição apresentada por Bernardi (1999, p. 27), sobre o que venha a ser o conto: “uma narrativa mais curta que o romance, mas apresenta fundamentalmente os mesmos elementos que esse, ou seja, personagens, ação, tempo e espaço”, observa-se que esses elementos apontados como fundamentais para o conto, não são encontrados, prioritariamente, no miniconto.

Comparando com o conceito de miniconto apresentado por Paulino (2001 apud SPALDING, 2012, p.74), observa-se que o gênero miniconto, essencialmente, não necessita ter em sua composição as mesmas características narrativas presentes no conto. Desse modo, o autor aponta:

Embora o conto nos pareça uma narrativa concisa, restrita aos elementos essenciais, desenvolveu-se, a partir dos anos 60, um tipo de narrativa que tenta a economia máxima de recursos para obter também o máximo de expressividade, o que resulta num impacto instantâneo sobre o leitor. Trata-se do chamado miniconto. Seu efeito de recepção é muito forte exatamente por sua condensação. O discurso direto, tão frequente no conto, é muitas vezes dispensado em nome de um ritmo de narração quase alucinante. Isso o transforma numa metáfora da velocidade com que circulam os seres, as mensagens, os objetos, os textos nas sociedades contemporâneas. Paulino (2001 apud SPALDING, 2012, p. 74).

Para esclarecer que não é possível afirmar que o miniconto seja construído necessariamente por meio de uma estrutura convencional narrativa (tempo, espaço, enredo, personagem e narrador), como as características propostas por Bernardi (1999) ao conceituar o conto, seguem exemplos de dois textos considerados narrativos: o primeiro refere-se a um fragmento de Ali Babá e os 40 ladrões<sup>3</sup> – retirado de um livro didático para alunos do 7º ano - e o segundo, o miniconto Abismo, de Gabriel Bittencourt<sup>4</sup>, retirado de um site na internet.

Na comparação entre esses dois textos de gêneros textuais diferentes, cabe ressaltar que no Conto Ali Babá e os 40 ladrões, as especificidades de um texto narrativo são mais evidentes. Na leitura do conto, é possível visualizar os elementos característicos de um texto narrativo: narrador-observador, personagem, tempo, espaço e enredo. Enquanto no miniconto Abismo, esses elementos não são tão demarcados, contudo, o leitor é capaz de perceber a presença de um narrador-personagem, por exemplo, que é um dos elementos que compõe um texto de origem narrativa.

---

<sup>3</sup> Texto retirado: CEREJA, W; MAGALHÃES, T. C. **Português: Linguagens 7.** 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2015, p.65

<sup>4</sup> Fonte: <<http://www.minicontos.com.br/?apid=6696&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=Fuma%E7a>>. Acesso em 7 de nov. 2017.

### **Ali Babá e os 40 ladrões**

[...]

Do alto podia ver tudo sem ser visto. Então chegaram àquele lugar quarenta homens muito fortes e bem armados, com caras de poucos amigos. Ali Babá conclui que eram quarenta ladrões.

Os homens desapareceram dos cavalos e puseram no chão sacos pesados que continham ouro e prata. O mais forte dos ladrões, que era o chefe, aproximou-se da rocha e disse:

\_ Abre-te, Sésamo!

Assim que essas palavras foram pronunciadas, abriu-se uma porta na caverna. Todos passaram por ela, e a porta se fechou novamente. Depois de muito tempo, a passagem voltou a se abrir, e por ela saíram os quarenta ladrões. Quando todos estavam fora, o chefe disse:

\_ Fecha-te, Sésamo!

Os bandidos colocaram os sacos em suas montarias e voltaram pelo mesmo caminho pelo qual tinham vindo. Ali os seguiu com os olhos até desaparecerem. Quando se viu em segurança, desceu da árvore, dirigiu-se à rocha e disse:

\_ Abre-te, Sésamo!

A porta se abriu e Ali Babá ficou sem palavras diante do que os seus olhos viram: uma grande caverna, cheia dos tecidos mais finos, tapetes belíssimos, e uma enorme quantidade de moedas de ouro e prata dentro de sacos. [...]

### **Abismo**

*Quando encarei o abismo, ele desviou o olhar, constrangido.*

**Gabriel Bittencourt**

No quadro 1, serão comparados os elementos estruturais narrativos presentes em cada um dos textos:

**Quadro 1:** Comparação dos elementos estruturais narrativos de Ali Babá e os 40 ladrões e o miniconto Abismo.

<b>Componentes estruturais do texto narrativo</b>	<b>Ali Babá e os 40 ladrões</b>	<b>Abismo</b>
<b>Narrador</b>	Narrador-observador	Narrador-personagem
<b>Espaço</b>	Caverna	Não determinado. A palavra abismo, pelo contexto, não determina que o fato tenha acontecido nesse local.
<b>Personagens</b>	Ali Babá e os 40 ladrões. Há a presença do discurso direto em: _ Abre-te, Sésamo!	Há um narrador-personagem em que não se deixa claro o gênero.
<b>Tempo</b>	Ações temporais presentes na narrativa, como no trecho: “Quando se viu em segurança, desceu da árvore [...]”	Sem marcas definidas de temporalidade.
<b>Enredo</b>	No fragmento é possível perceber que Ali Babá descobre onde os 40 ladrões escondiam seus tesouros roubados, e ao ouvir as palavras mágicas, consegue ter acesso ao esconderijo.	Cada leitor poderá interpretar o texto, a partir do que considerar, por exemplo, o sentido da palavra abismo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

No miniconto Abismo apresentado, há algumas particularidades que compõem um texto narrativo, contudo, diferentemente do texto Ali Babá e os 40 ladrões, esses elementos não são sinalizados claramente na composição do texto. Em Ali Babá e os 40 ladrões o narrador é escrito em 3ª pessoa (narrador-observador), enquanto em Abismo, o narrador é escrito em 1ª pessoa (narrador-personagem). Sendo um narrador-personagem o encontrado no miniconto, pode se considerar que os dois textos possuem, também, personagem. Contudo, os outros elementos: espaço, tempo e enredo, Ali Babá e os 40 ladrões já os trazem

demarcados e explícitos, o que não acontece no miniconto Abismo. O enredo no miniconto, por exemplo, dependerá da maneira como o leitor atribuir o sentido da palavra abismo.

Desse modo, observa-se que o miniconto não apresenta a necessidade de ser estruturado como um texto narrativo convencional, o que o distancia da teoria proposta por Bernardi (1999) sobre o conceito de conto.

Nesse impasse sobre o conceito de miniconto, na tentativa de esclarecer que o gênero tem características próprias e não pode ser catalogado como uma simples variação do conto, alguns autores de minicontos sugeriram possíveis definições:

“É simples, são contos muito pequenos, limitados pelo tamanho mínimo” (FERRAZ, 2007, p.38)

“O miniconto é uma estética própria da contemporaneidade e herdeiro do minimalismo” (SPALDING, 2008, p.9).

“Uma forma compacta, de no máximo uma página, uma página e meia, com uma narrativa que contém início, meio e fim” Lagmanovich (2003 apud SPALDING, 2008, p. 16).

Ainda que, em sua grande maioria, os minicontos sejam considerados narrativos, são encontrados textos que se distanciam totalmente dessa classificação. Devido à liberdade de construção desse gênero, alguns autores produziram minicontos que estão mais próximos de um caráter dissertativo, como expressado no miniconto abaixo:

*“Alzheimer: conhecer novas pessoas todos os dias”*

***Phil Skversky<sup>5</sup>***

Não é possível determinar os elementos constitutivos da narração, o autor traz uma definição do que seja Alzheimer desprendida do conceito científico da doença, por esse motivo, não se pode atribuir que esse miniconto seja narrativo.

---

<sup>5</sup> Fonte: < <http://www.revistabula.com/1787-30-contos-de-ate-100-caracteres/>>. Acesso em 08 de nov. 2017

Pelo contexto, é mais provável atribuir que ele contenha características diferenciadas de um texto narrativo, possivelmente, por um viés dissertativo.

Diante dessa variação contextual e estrutural permitida na produção de minicontos, Lima (2014) salienta que num processo de caracterização de um gênero faz-se necessária uma explicação mais efetiva do contexto proposto, não se baseando apenas em propriedades descritivas do texto. Dessa maneira, afirma:

[...] não apenas uma análise científica especial pode tornar patentes as diferenças internas que se escondem por trás e são escondidas pelas similaridades externas. Nesse caso, o objetivo da análise que pratica a explicação e não apenas a descrição é identificar as diferenças internas dessas atividades (LIMA, 2014, p.39).

Essa possibilidade de variação caracteriza também o miniconto como um gênero que não está vinculado somente a uma proposta única de formatação. É mais fácil identifica-lo em virtude de sua estrutura física (número de palavras ou caracteres) do que definir em qual tipologia textual (narrativa, dissertativa, descritiva, etc.) ele se apresenta.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, elaborados em 1998, já traziam à tona que seria muito complexo apenas definir um gênero por possíveis categorias predeterminadas, segundo o documento:

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõe o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social. (BRASIL, 1998, p.23-24).

Atentando-se a essas considerações, o miniconto é um gênero que poderá ser usado para se trabalhar com diferentes tipos de textos, priorizando não somente a produção de um texto narrativo, mas promovendo outras possibilidades. Essas possibilidades também acentuam a variação de temas que o gênero pode abarcar, partindo de temáticas voltadas ao cotidiano, à política, às questões sociais e históricas, entre outras. Nos exemplos, a seguir, apresentam-se quatro minicontos retirados do livro *Cem Toques Cravados*, de Edson Rossato (2012) com temas diversificados:



*O vovô detestava que se intrometessem em sua vida. No táxi: “Para onde vai?”. Não é da sua conta!” (ROSSATTO, 2012, p.33)*

*Malabarismo no farol, flanela no para-brisa, balas na calçada. Deixou de ser criança aos seis anos. (ROSSATTO, 2012, p. 42)*

*Segurou o choro. Da fresta, viu o fuzilamento do pai. Orava para que os nazistas não o encontrassem. (ROSSATTO, 2012, p. 53)*

*Classificado: “Compramos deputados e senadores. Exigimos anos de experiência em votações polêmicas”. (ROSSATTO, 2012, p. 72)*

É possível observar que os temas dos minicontos acima apresentados são diferentes, embora tenham sido construídos pelo mesmo autor. O primeiro apresenta uma situação cômica, tendo como assunto o excessivo comportamento do vovô em não querer dar satisfação de sua vida. O segundo representa uma situação social comum nos faróis das grandes cidades brasileiras, a exploração infantil. O seguinte destaca o sofrimento de uma criança judia ao ver o fuzilamento do pai, trazendo à tona a barbárie nazista e o último, destaca o comportamento de senadores e deputados na aprovação inadequada de medidas políticas.

Esses elementos que se referem à dimensão sociocomunicativa de um gênero permitem a compreensão de como ele funciona na sociedade e a sua relação com os seus leitores e autores, que estão imersos em uma determinada cultura.

Na próxima seção, serão abordadas as características composicionais do gênero miniconto, apresentando como são distribuídos os aspectos verbais e não-verbais na composição desse gênero.

### **2.1.2 Os aspectos composicionais do miniconto**

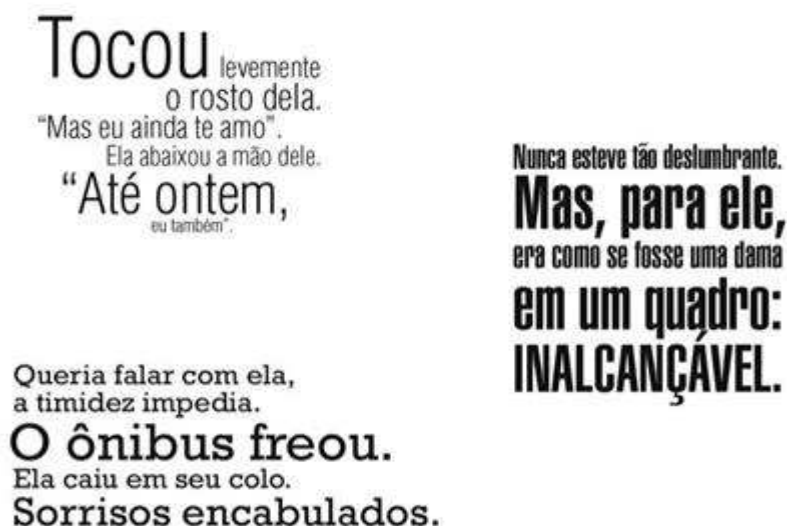
Assim como as características sociocomunicativas analisadas, os aspectos composicionais do miniconto serão examinados a partir das considerações de Lopes-Rossi (2006).

Consoante a autora, as características composicionais se referem aos elementos verbais e não-verbais contidos no gênero. Para a análise das características composicionais verbais e não-verbais do miniconto, foram selecionados textos de dois diferentes meios de veiculação: a internet e livros.

A proposta de escolha dos dois veículos utilizados para a produção e leitura de miniconto, justifica-se por serem os mais conhecidos para a divulgação do gênero. Contudo, apesar de haver coletâneas significativas de minicontos em livros, é na internet que esse gênero se tornou mais popular e acessível aos leitores.

O primeiro critério para a investigação refere-se à forma como o texto verbal e não-verbal é apresentado no gênero. Os minicontos, por sua brevidade textual, não apresentam necessariamente um título, são localizados muitos exemplos em que o autor não utiliza esse recurso. Em alguns casos, são encontrados tamanhos de fonte diferenciados para destacar o enredo, estabelecendo uma relação com a medida da fonte e os fatos ocorridos na história, como também, a forma de escrita em alguns minicontos caracteriza o perfil do autor e o público que se pretende atingir. Os exemplos, a seguir, são usados tamanhos diferenciados de letras para enaltecer a proposta do texto:

Figura 1: Tamanhos diferenciados de letras em minicontos



Fonte: (ROSSATTO, 2012, p. 14).

No segundo exemplo, retirado do Twitter, a maneira como são descritos os textos caracteriza a forma de escrever dos aplicativos de mensagens:

Figura 2: Forma de escrita de minicontos em redes sociais.

*Twitter*

*A embalagem dizia "tecnologia q chegou pra facilitar a sua vida". Hoje completou uma semana q ele procura um adaptador q sirva na sua tomada*

Fonte: <sup>1</sup> Fonte: < <https://twitter.com/minicontos/status/797046068919803904>>. Acesso em 16 de fev. 2018.

As ilustrações são recursos pouco encontrados na produção de minicontos. Isso se deve, principalmente, à brevidade dos textos que essa leitura traz. Contudo, autores como Rossatto (2012), utilizam recursos visuais que enaltecem o contexto do miniconto.

No exemplo seguinte, Rossatto (2012) apresenta um miniconto cujo formato refere-se à bandeira do Brasil. Consegue-se atribuir a composição da imagem com o texto, promovendo uma leitura tanto imagética quanto verbal para assimilação do contexto proposto. A maneira como as palavras são distribuídas no texto forma a imagem da bandeira brasileira.

Figura 3: Linguagem imagética de miniconto

No salão de cabeleireiro, a bandeira do Brasil na parede,  
**com os dizeres:**  
 "ORDENADO E PROGRESSIVA!"

Fonte: (ROSSATTO, 2012, p. 15)

Outro fator que se pode destacar quanto à estrutura do miniconto está na quantidade de caracteres utilizados em sua produção. Segundo Mello (2014 apud DANTAS, 2015, p. 63) o número de caracteres determina sua classificação em miniconto, microconto ou nanoconto.

A autora relata que “Muitos autores chamam de minicontos aqueles com até 200 caracteres, microcontos com até 150 caracteres e nanocontos com até 50 caracteres”. Nessa pesquisa, por sua vez, optou-se por nomear, independentemente do número de caracteres, apenas como miniconto, uma vez que o termo miniconto é o mais encontrado tanto em livros como em publicações virtuais.

Quanto às características verbais, destacam-se a escolha do léxico, a estrutura sintática e os recursos estilísticos. A seleção de determinadas construções e palavras é primordial para que os autores possam minimizar o texto, contudo, esse recurso não atende somente a essa proposta, isso também se vale a escolha do valor semântico das palavras.

Os valores semânticos inseridos contribuem para esse viés dinâmico de leitura. No exemplo a seguir, a forma como o miniconto foi construído atende a esses dois propósitos de estilo: a construção de um formato enxuto do texto e o sentido das palavras.

*“Fui me confessar ao mar. O que ele disse? Nada”<sup>6</sup>*

(Lygia Fagundes Telles)

O uso do discurso direto identifica a presença de dois interlocutores: aquele que pergunta e o que responde. O leitor já estabelece por conhecimento antecedente de que se trata de uma conversa. Aqui, não se deixa transparecer a presença de um narrador, o texto não identifica quem conta a história, o fato já se produz através das falas das personagens.

Lopes – Rossi (2006) salienta a importância de que, para se estudar um gênero discursivo, é prudente analisar as construções frasais, o tom e o vocabulário inserido, o que a autora nomeia como um procedimento que se refere ao conhecimento das características linguísticas.

O que chama a atenção na composição deste miniconto é a resposta dada à pergunta feita pelo segundo personagem. Ao responder “nada”, o leitor poderá

---

<sup>6</sup> Fonte:< <https://quemdisse.com.br/frase/fui-me-confessar-ao-mar-o-que-ele-disse-nada/101107/>>. Acesso em 28 de set. 2017.

estabelecer duas intencionalidades para o recurso polissêmico utilizado pela autora. Inicialmente, o leitor poderá interpretar a palavra “nada” se referindo ao verbo nadar; em se tratando de mar, seria prudente essa interpretação. Logo, também acionaria uma resposta às confissões da personagem, estabelecendo uma comunicação pela personificação do mar.

Pode-se analisar, também, a palavra “nada” como um advérbio de negação. Dessa maneira, quebra-se a expectativa do contexto e faz com que o leitor não aprecie o enredo proposto. Para que o leitor possa compreender qual foi a intenção do uso da palavra nada, é necessário que este seja capaz de perceber a ambiguidade contida no texto. Caso contrário, ao analisar a palavra apenas com um só sentido, o propósito comunicativo do miniconto se desfaz.

Outras construções também surpreendem pela maneira como são elaboradas, baseando-se no sentido de determinadas palavras. No miniconto a seguir, Luiz Arraes utiliza, assim como no anterior, a palavra Nada para a construção significativa de seu texto.

#### ***Quatro letras***

*Nada.* (FREIRE, 2004, p. 79)

Para compreender esse miniconto é necessário observar os valores semânticos que esse termo pode trazer. Diferentemente do exemplo anterior, a ambiguidade com o verbo nadar não se faz presente, o leitor deve corresponder às expectativas de sua compreensão leitora, concentrando-se no sentido de negação que a palavra traz.

Dessa forma, é possível salientar que a escolha de léxico, construções de frases e valores semânticos contribuem não somente para a maneira como o escritor de miniconto procederá à construção do seu texto como revelará a sua intencionalidade contextual.

Com o intuito de subsidiar o professor que pretenda trabalhar com os minicontos em sala de aula. A seguir, segue uma síntese dos principais apontamentos dos aspectos sociocomunicativos e composicionais do gênero miniconto.

**Quadro 2:** Características do gênero discursivo miniconto

<b>Recursos que possam ser ensinados sobre o gênero</b>	
<b>Aspectos sociocomunicativos: condições de produção e circulação, finalidade comunicativa e temática.</b>	
➤ Origem dos minicontos e principais autores brasileiros	Teve início, em 1959, com o miniconto O Dinossauro do guatemalense Augusto Monterroso. No Brasil, com Dalton Trevisan na coletânea de Alfredo Bosi: O conto brasileiro contemporâneo, década de 70. Destaque também para escritores como: Maria Lúcia Simões, <i>Contos contidos</i> (1994); as narrativas de João Gilberto Noll, <i>Relâmpagos</i> (1998); Luiz Arraes, <i>A luz e a fresta</i> (1999) e <i>Os cem menores contos brasileiros do século</i> , uma coletânea de minicontos elaborados por autores, como: Millôr Fernandes, Moacyr Scliar, Manoel de Barros e Dalton Trevisan, organizada por Marcelino Freire, em 2004 e <i>Cem Toques Cravados</i> de Edson Rossatto (2012). Na internet, encontram-se diversas produções de autores anônimos.
➤ Veículos de circulação	Os minicontos são veiculados em livros, contudo, se tornaram mais populares a partir das produções realizadas nas redes sociais, principalmente, no <i>Facebook</i> e no <i>Twitter</i> . O <i>Twitter</i> , em especial, pela quantidade reduzida de caracteres em suas postagens, se tornou o suporte de maior circulação de minicontos da internet.
➤ Finalidade comunicativa	O propósito comunicativo desse gênero é entreter, fazer o leitor refletir sobre o tema, despertar emoções a partir de uma leitura concisa e significativa.
➤ Definição de miniconto	Em suma, trata-se de um texto que contenha poucos caracteres e que seja capaz, apesar de sua estrutura minimalista, de relatar uma breve história ou despertar uma reflexão.
➤ Tipologia textual	O gênero miniconto, na grande maioria das vezes, se apresenta como um texto narrativo, mas é possível encontrar produções que se assemelhem com outras formas de texto, como textos descritivos ou dissertativos.
➤ Temáticas possíveis	Traições, brigas, situações cômicas, crise conjugal, conteúdos históricos, atualidades, problemas familiares, crise econômica e política do Brasil, corrupção, etc.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os aspectos sociocomunicativos são importantes para uma abordagem inicial sobre minicontos. Os alunos que já conhecem o gênero, por meio de suas redes sociais, desconhecem quando esse gênero surgiu, onde ele pode ser

encontrado e quais as temáticas que podem ser abordadas, por exemplo. Desse modo, essa apresentação inicial poderá estimular a leitura dos minicontos não somente na internet, mas também, em produções de autores consagrados.

**Quadro 3:** Aspectos linguísticos- textuais.

<b>Aspectos composicionais do miniconto</b>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Recursos Verbais</li> <li>➤ Classificação dos minicontos quanto à quantidade de caracteres</li> <li>➤ Construções frasais e vocabulários</li> </ul>	<p>Título: Não ocorre frequentemente devido à sua brevidade textual.</p> <p>A quantidade de caracteres sugere uma classificação entre os minicontos: 200 caracteres (miniconto); 150 caracteres (miniconto) e 50 caracteres (microconto).</p> <p>Uso de polissemias; frases curtas com sujeito desinencial (comum em microcontos). Discurso direto para introduzir o leitor, de imediato, em uma situação de conflito; palavras ou expressões de duplo sentido (ambiguidades).</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Recursos visuais (formato das letras)</li> <li>➤ Recursos imagéticos</li> </ul>	<p>Não apresenta imagens, os autores utilizam tamanhos diferentes de letra para algumas palavras ou expressões, com o intuito de destacar o contexto pretendido, chamando a atenção do leitor para os fatos que esses trechos simbolizam e colaboram para o entendimento dos minicontos.</p> <p>A formatação do miniconto pode estabelecer uma conexão com o propósito do texto. O miniconto pode ser apresentado com variações nas fontes e tamanhos das letras, assim como: escadas, bandeiras, molduras, etc.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

O professor, ao apresentar os aspectos composicionais do miniconto, permite que o aluno reconheça como esse gênero pode ser produzido. A escolha do léxico, as construções sintáticas e visuais são recursos que os minicontos

apresentam e que precisam ser destacados nas aulas de leitura para que seja percebida a criatividade na construção do texto.

### 2.1.3 As relações dialógicas proporcionadas pelos minicontos

Embora os alunos estejam acostumados ao ato de ler continuamente, a compreensão do que se lê é a grande dificuldade encontrada nas aulas. Muitos são capazes de ler, de forma corrida e com aquelas pausas necessárias para uma adequada fluência, mas quando são questionados sobre o entendimento do que leram, aparecem as dificuldades.

Os alunos, quando expostos a textos que exigem relações com temáticas que são desconhecidas por eles, costumam ter dificuldades. Se não houver uma mediação do professor esclarecendo as referências que os autores utilizaram para a produção do miniconto, o aluno não compreenderá o que o texto diz.

Para Fiorin (2016), segundo os estudos de Bakhtin e de seu círculo, todo discurso está permeado por pontos de vista e apreciações de outros discursos. Conseqüentemente, analisar um texto significa considerar essas outras vozes tão significativas ao entendimento, assim sendo:

Não há nenhum objeto que não apareça cercado, envolto, embebido em discursos. Por isso, todo discurso que fale de qualquer objeto não está voltado para a realidade em si, mas para os discursos que a circundam. Por conseguinte, toda palavra dialoga com outras palavras, constitui-se a partir de outras palavras, está rodeada de outras palavras (FIORIN, 2016, p. 22).

Essa dependência que há entre os discursos, segundo a teoria bakhtiniana se apresenta a partir de duas forças que influenciam o valor ideológico do discurso. A primeira, chamada de forças centrípetas são “aquelas que atuam no sentido de uma centralização enunciativa do plurilinguismo da realidade” (FIORIN, 2016, p. 34) e as forças centrífugas que “buscam erodir, principalmente pela derrisão<sup>7</sup> e pelo riso, essa tendência centralizada” (FIORIN, 2016, p.34).

Nos minicontos, é comum a ação dessas forças centrífugas agindo sobre a proposta do texto. Um gênero construído, com poucos caracteres, usa dessa

---

<sup>7</sup> Derrisão = zombaria.



possibilidade para compor o sentido ideológico sugerido. Quando é possível reconhecer a relação que há entre um enunciado com outro, consegue-se estabelecer a relação dialógica que há entre eles.

Nos minicontos seguintes, observa-se como a construção dos enunciados estabelece uma relação dialógica com outros. A partir dessa relação, são esclarecidas as intenções pretendidas.

**Exemplo 4:** *Dizem que felicidade não se compra, mas ele pagou um real e cinquenta nela. E tem gosto de baunilha.* (ROSSATO, 2012, p. 128)

**Exemplo 5:** *Chamaram-no de racista. Entretanto, ele não se importava nem um pouco. Não gostava de brancos mesmo.* (ROSSATO, 2012, p. 147)

**Exemplo 6:** *Provérbio contemporâneo*<sup>8</sup>

*Vão-se os anéis, ficam os medos.* (Wesslen Nicácio)

**Exemplo 7:** *Eu escolhi paixão. Agora sou pobre.* (Kathleen E Whitlock)<sup>9</sup>

Cada um dos exemplos usa de recursos de outros enunciados para que sejam compostas as relações entre o enunciado já conhecido e sua nova versão. De maneira, que o leitor possa correlacionar a construção do novo por intermédio do anterior.

A relação dialógica representada faz-se essencial para que o texto seja compreendido não somente em se tratando da compreensão textual em si, mas para que de fato, torne-se algo de provocativo no leitor.

No quadro 4, serão analisadas as relações dialógicas dos exemplos apresentados:

---

<sup>8</sup> Fonte: <<http://www.minicontos.com.br/?apid=6738&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=Prov%E9rbio%20Contempor%E2neo>> . Acesso em 25 de set. 2017.

<sup>9</sup> Fonte: <<https://quemdisse.com.br/especial/melhores-mini-contos-de-ate-100-caracteres/80CTMC054TURPS1C66SN/>>. Acesso em 25 de set. 2017.

**Quadro 4: Relações dialógicas**

	<b>Contexto referente.</b>	<b>Sugestão de relação dialógica.</b>
<b>Exemplo 4</b>	<p><i>Dizem que felicidade não se compra, mas ele pagou um real e cinquenta nela. E tem gosto de baunilha.</i> (ROSSATO, 2012, p. 128)</p> <p>“A felicidade não se compra”. Frase costumeiramente usada para designar que a felicidade não pode ser comprada, ou seja, ser feliz não está vinculado apenas a ter boas condições financeiras ou não.</p>	<p>O autor satiriza o texto em que se refere, provocando no leitor uma reação contrária à proposta inicial. Pelo contexto, há determinadas coisas que se forem compradas trazem felicidade. Para que o leitor possa compreender a ideia representada, é necessário haver essa interação. Caso contrário, o autor não sentirá a presença de humor no texto.</p>
<b>Exemplo 5</b>	<p><i>Chamaram-no de racista. Entretanto, ele não se importava nem um pouco. Não gostava de brancos mesmo.</i> (ROSSATO, 2012, p. 147)</p> <p>Na primeira frase: Chamaram-no de racista, já se desperta no leitor a alusão de que se trata de um texto em que visa tratar de um assunto polêmico e que desperta grande comoção.</p>	<p>Para que o leitor possa ter uma visão antagônica do texto, é inevitável que ele faça a correspondência com outros enunciados em que o racismo é tratado como uma forma preconceituosa de ver o negro como inferior ao branco. Quando, ao finalizar o conto, o leitor percebe que o ato racista se refere ao branco e não ao negro, ele consegue entender qual a intencionalidade do autor.</p>
<b>Exemplo 6</b>	<p><i>Provérbio contemporâneo</i> <i>Vão-se os anéis, ficam os medos.</i> (Wesslen Nicácio)</p> <p>O texto faz referência ao provérbio vão-se os anéis, ficam os dedos. Cujo significado indica que se deve dar mais atenção ao que se tem do que aquilo que foi perdido.</p>	<p>O miniconto traz uma construção muito próxima ao texto original. O leitor, tendo o texto anterior como referente, estabelece uma comparação entre eles, todavia, o sentido se altera. Enquanto no primeiro há a demonstração de que mesmo com a perda é possível recomeçar, o outro evidencia as marcas que essa perda pode causar.</p>
<b>Exemplo 7</b>	<p><i>Eu escolhi paixão. Agora sou pobre.</i> (Kathleen E Whitlock)</p> <p>O texto faz referência a um comportamento de pessoas que pretendem se casar por interesse.</p>	<p>Em consonância as considerações sociais de que o casamento é um negócio. A autora tem como proposta ressaltar de maneira irônica que escolher alguém pelo impulso da paixão não traz bons resultados financeiros.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

No quadro, propõe-se considerar algumas reflexões sobre uma possibilidade de compreensão dos textos, a partir de suas relações dialógicas. Contudo, assim como afirma Marcuschi (2008, p. 231), “compreender é uma atividade colaborativa que se dá na interação entre autor-texto-leitor ou falante-texto-ouvinte, podem ocorrer desencontros”. Dessa forma, o que se pretende não é padronizar como esses minicontos devem ser compreendidos, e sim, sugerir uma forma de interpretação que não se distancie da intencionalidade do autor. Assim como salienta Fiorin (2009):

[...] os limites da interpretação não permitem que, no processo de leitura, se façam associações livres ou que se considerem simbólicas as unidades isoladas. [...] buscam-se conexões internas ao texto e vinculações com outros textos e discursos, e são essas relações que produzem a significação e controlam leituras possíveis (FIORIN, 2009, p. 49)

No desafio de promover uma interpretação dos minicontos, o professor pode mediar à compreensão dos textos, para que os alunos não façam interpretações livres e descontextualizadas. Isso se faz necessário, principalmente, quando o aluno não consegue estabelecer as relações dialógicas que os enunciados podem trazer, e que são essenciais para o entendimento do texto.

## **CAPÍTULO 3**

### **LEITURA DE MINICONTOS E SUGESTÕES PARA ATIVIDADES EM SALA DE AULA**

Depois de serem apresentadas as características do gênero miniconto, este capítulo visa atender ao segundo objetivo específico desta pesquisa: abordar alguns aspectos relativos a leitura de miniconto e propor sugestões de atividades de leitura de miniconto que colaborem para o uso do gênero nas aulas de leitura e interpretação de texto.

As atividades de leitura, comumente vistas nos materiais de apoio pedagógicos, não inserem o gênero miniconto. Além do mais, as questões que são elaboradas para interpretação textual não abordam informações importantes contidas no texto, assim como mencionado por Marcuschi (2013). Diante disso, o professor não possui material didático adequado que o auxilie no trabalho com esse gênero em sala de aula.

Com o objetivo de fornecer subsídios para que o professor possa utilizar o miniconto como proposta de leitura, este capítulo destaca, inicialmente, a importância da elaboração de questões que visem atender às expectativas de compreensão do texto e não apenas decodificar informações explícitas. Posteriormente, a partir das contribuições de Lopes-Rossi (2005a), será apresentada uma sugestão de como o professor poderá se organizar para realizar um estudo sobre o gênero miniconto, antes de incluí-lo como atividade de leitura e, por último, serão expostas algumas sugestões de propostas de leitura de minicontos visando uma leitura crítica do gênero.

#### **3.1 A leitura de minicontos**

Ensinar a ler é um desafio que se inicia desde o processo de alfabetização. Dadas as devidas circunstâncias de aprendizagem, em cada momento da vida escolar, a leitura se aprofunda, concomitantemente, ao acúmulo de conhecimento que os alunos vão adquirindo. Isso pode ser notado pela seleção de textos

encontrada nos livros didáticos, que vai trazendo ao longo de cada volume, produções mais elaboradas e com certo grau de dificuldade.

Todavia, consoante Marcuschi (2013), as questões inseridas nos livros didáticos, com a finalidade de propor leitura e interpretação, carregam problemas de compreensão por abordarem questionamentos ineficientes e descontextualizados. O autor identifica quatro situações-problema:

- a) a compreensão é considerada, na maioria dos casos, como uma simples e natural atividade de *decodificação* de um conteúdo objetivamente inscrito no texto ou uma atividade de cópia. [...]
- b) As questões típicas de compreensão vêm misturadas com uma série de outras que nada têm a ver com o assunto. [...]
- c) É comum os exercícios de compreensão nada terem a ver com o texto a que se referem, sendo apenas indagações genéricas que podem ser respondidas com qualquer dado.
- d) Os exercícios de compreensão raramente levam a reflexões críticas sobre o texto [...] o que sugere a noção de compreender é apenas identificar conteúdos (MARCUSCHI, 2013, p. 51).

Tratando-se de um gênero pouco trabalhado na escola, o miniconto se for analisado, assim como Marcuschi (2013) menciona, os critérios utilizados pelo livro didático não atenderão às informações importantes e essenciais à compreensão textual. Solé (1996) atribui que o conceito de leitura é um procedimento de interações entre o leitor e o texto; desse modo, uma interpretação superficial e pouco reflexiva não permite que haja essa interação exposta pela autora.

Sem essa interatividade, o estudante será conduzido a uma leitura meramente decodificadora, cujo objetivo será apenas reconhecer informações explícitas do texto ou responder a exercícios descontextualizados ao tema proposto. Por esse motivo, a escolha do gênero miniconto como sugestão de leitura, deverá conduzir o aluno a valorizar a criatividade do texto, despertá-lo para uma leitura crítica, fazer com ele interaja com o texto e consiga inferir o que ficou subentendido.

Para ilustrar uma atividade em que o gênero miniconto foi selecionado somente como um exercício, sem valorizar o assunto principal do texto, foi escolhida uma atividade de um site para professores de língua portuguesa. O exemplo visa demonstrar como as atividades que não aprofundam a leitura do texto tornam a análise do miniconto superficial.

**Quadro 5:** Exemplo de atividade de leitura*Colégio Novo<sup>10</sup>*

*A criança roda e roda e roda procurando uma outra com pernas iguais às suas. Encontra risos e cochichos. Para de rodar e pede que a empurrem de volta para casa.*

**Marcelo Spalding****Possibilidades**

- Há a possibilidade do professor fazer com que o aluno complete a história. Desta maneira, tornando o Miniconto, um Conto. Servindo como introdução para o gênero Conto.
- Caso o professor prefira, é interessante que o aluno já conheça o gênero Conto, fazendo o caminho inverso.

Fonte: Site Educador Criativo

As atividades propostas, além de conterem erros gramaticais consideráveis, não permitem que o professor conduza uma aula de leitura em que o aluno tenha contato com a temática proposta do texto, ou seja, falar sobre a situação de mobilidade da criança e o comportamento dos colegas em razão de sua condição de vida. Observam-se que há informações no texto que revelam significados pertinentes para o leitor e que podem, até mesmo, propor discussões em sala. Alguns questionamentos seriam pertinentes para a investigação desse miniconto, abordando perguntas que colaborassem para que o aluno entenda o texto e possa dialogar com ele, como:

- \* identificação do personagem;
- \* ambiente que circula a história;
- \* o comportamento dos alunos diante de um novo colega cadeirante;
- \* reconhecimento dos implícitos do texto;

<sup>10</sup> Fonte: <<https://educadorcriativo.wordpress.com/2016/02/05/trabalhando-com-generos-2-miniconto/>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

\* discussão de temas, como: inclusão, bullying, entre outros.

Se a proposta de análise desse miniconto for apenas essa sugerida pelo site, o aluno não lerá o miniconto observando os implícitos e não terá a possibilidade de compreender o que o texto diz, pois, o ato de utilizar o miniconto como introdução para a produção de um conto ou vice-versa não necessariamente introduz o aluno ao gênero. O que o exercício propõe é utilizar o miniconto apenas como um recurso para uma atividade de produção textual.

Na elaboração de minicontos, os autores se valem de algumas estratégias de produção que exigem uma participação do leitor. Como afirma Rossatto (2012, p. 225), “O autor conta com a participação ativa do leitor na criação da história”. Isso se deve, necessariamente, pela quantidade limitada de caracteres e pela importância de chamar a atenção para uma leitura breve e surpreendente, que omitirá alguns detalhes a serem preenchidos pelo conhecimento prévio do leitor. Assim, muitas vezes, em minicontos mais curtos, o autor contará com as inferências do leitor para que seja compreendido, portanto, uma análise superficial do texto não destacará esse recurso importante à criatividade do gênero.

Diante disso, para que a leitura de minicontos seja de fato um procedimento que desperte o conhecimento prévio do leitor, permitindo que ele faça inferências e compreenda o texto de forma eficiente, faz-se necessário sugerir uma atividade de leitura que não vise apenas decodificar informações claras do texto ou permitir uma análise descontextualizada do gênero.

No intuito de apresentar uma proposta de leitura de minicontos, destacam-se as contribuições de Lopes-Rossi (2005a) em seu artigo: A formação do leitor proficiente e crítico a partir das características específicas dos gêneros discursivos. A autora sugere quatro estratégias de leitura que permitem a compreensão do texto por meio das especificidades do gênero discursivo, sendo elas:

- 1) ativação do conhecimento prévio antes da leitura – enfoque nas condições de produção e circulação do gênero e no assunto específico daquele texto-, por meio de leitura global; 2) estabelecimento de objetivo(s) de leitura em função assunto e das características do gênero discursivo a que pertence o texto a ser lido; 3) leitura detalhada do texto verbal e do não-verbal para a construção dos objetivos estabelecidos; 4) reflexão crítica sobre o texto, a partir de critérios pertinentes ao gênero discursivo.

Para a análise dessas quatro estratégias propostas pela autora, inicialmente, serão expostas informações importantes que precisam ser verificadas pelo docente, antes de serem criadas atividades de leitura adequadas aos alunos. As quatro estratégias serão examinadas a partir da leitura de minicontos retirados de livros, das redes sociais (Twitter ou Facebook) e de sites ou *blogs*.

### **3.2 Estratégias de leitura**

Antes de serem expostas as propostas de atividades de leitura de minicontos, é prudente que os professores conheçam o gênero e possam articular suas atividades, no intuito de atingir uma leitura crítica e participativa de seus alunos. No capítulo anterior, foram apresentadas as características do gênero discursivo miniconto e, nas seções que seguem, propõe-se inicialmente uma análise que sirva como referência para a introdução de uma sequência didática de leitura do gênero e, posteriormente, são sugeridas atividades que poderão servir como modelo à prática de leitura de minicontos.

Desse modo, sugere-se que o docente, primeiramente, tenha contato com o gênero observando como esse será utilizado em uma atividade de leitura. Em seguida, a partir das considerações gerais feitas a respeito da leitura de minicontos, possa inserir atividades específicas à uma leitura mais detalhada do texto.

#### **3.2.1 Conhecimento prévio e objetivos de leitura**

Para que o professor visualize como o gênero miniconto pode ser inserido como uma proposta de leitura e interpretação, serão apresentadas as considerações feitas por Lopes-Rossi (2005a), a partir de quatro estratégias de leitura. Essas estratégias visam colaborar com o trabalho realizado em sala de aula.

Por intermédio dessas estratégias, o professor terá referências para mediar a leitura apontando algumas características importantes do gênero e que não precisam ser cobradas em um questionário sobre o texto. Por exemplo, se o miniconto tiver como título uma palavra desconhecida do repertório do aluno, é prudente que o professor, antes de iniciar a leitura, comente o significado do termo



facilitando sua compreensão. Também é viável que se apresente aos alunos os minicontos e os contextualizem destacando alguns pontos, como: a estrutura, os autores, os suportes de veiculação que são dados importantes antes de um trabalho com qualquer gênero.

As duas primeiras estratégias de leituras, sugeridas por Lopes-Rossi (2005a), referem-se ao conhecimento prévio do leitor a partir das condições de produção e circulação do gênero e o estabelecimento de seus objetivos de leitura. Na primeira estratégia, a autora sugere que sejam realizadas algumas questões que apresentem as características discursivas do gênero, respondendo às possíveis perguntas:

Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo? Com que propósito? Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Como o redator obtém as informações? Quem escreveu este texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influencia pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na sociedade? (LOPES-ROSSI, 2005, p.4).

Em se tratando de um gênero pouco explorado para fins didáticos, algumas dessas respostas precisam ser mediadas pelo professor, pois apesar de os minicontos serem considerados de grande divulgação entre o público estudantil, pode haver aqueles que desconheçam o gênero. Caso, não haja o reconhecimento por parte do aluno sobre os aspectos discursivos do miniconto, este terá limitações ao estabelecer inferências à leitura, que conforme Lopes-Rossi (2005a, p.5), “Se o leitor conhece o gênero discursivo a que pertence o texto, associa as informações de suas condições de produção e pode melhor formular hipóteses e estabelecer inferências[...]”.

Desse modo, para que essa etapa seja concluída satisfatoriamente é necessário que o aluno tenha conhecimento dos aspectos sociocomunicativos do miniconto. A compreensão do texto se torna mais adequada quando o leitor é capaz de reconhecer como o gênero se estrutura e a partir disso inferir informações que o ajudem a entender o texto e sua proposta.

**Quadro 6:** 1ª estratégia de leitura (Ativação do conhecimento prévio do leitor)

<b>Questionamentos para abordagem inicial à leitura do miniconto:</b>	<b>Respostas à primeira abordagem de leitura para minicontos:</b>
1. Quem escreve (em geral) esse gênero discursivo?	1. Os minicontos podem ser escritos por qualquer pessoa que se interesse pelo gênero.
2. Com que propósito?	2. Chamar a atenção do leitor a uma história construída em poucas palavras.
3. Onde? Quando? Como?	3. Os minicontos são encontrados em sites específicos, em redes sociais ou em coletâneas publicadas em livros. As primeiras produções de miniconto no Brasil ocorreram na década de 70 com Dalton Trevisan, hoje os leitores desse gênero podem ter acesso com mais facilidade na internet.
4. Com base em que informações? Como o redator obtém as informações?	4. Geralmente, os minicontos relatam informações do cotidiano. Essas informações são obtidas a partir dos acontecimentos que envolvem o cenário cultural, social e político do autor.
5. Quem escreveu este texto que estou lendo? Quem lê esse gênero? Por que o faz? Onde o encontra? Que tipo de resposta pode dar ao texto? Que influencia pode sofrer devido a essa leitura? Em que condições esse gênero pode ser produzido e pode circular na sociedade? (LOPES-ROSSI, 2005, p.4).	5. Os minicontos podem ser escritos por autores conhecidos ou anônimos. Leitores de diversas faixas etárias. Para o entretenimento. O miniconto é encontrado na internet. O leitor pode se identificar na história ou reconhecer a importância do tema. O gênero é construído a partir de temas do cotidiano, assim como no exemplo, retratar sobre o tema: solidão.

Fonte: elaborado pelo autor

Ativar o conhecimento prévio, antes de serem iniciadas as atividades de leitura de minicontos, sintoniza o aluno na atividade que será proposta. O professor, por meio dessa abordagem inicial, poderá ter acesso àquilo que os alunos sabem a respeito do gênero, e conseqüentemente, poderá esclarecer as informações desconhecidas.

Quanto à segunda estratégia, não há como identificar um objetivo específico para a leitura de um miniconto, após a leitura global do gênero. Isso se deve, principalmente, à brevidade textual e às diversas temáticas e formas que o miniconto pode conter.

Os minicontos, ao contrário de outros gêneros de caráter narrativo, não trazem uma característica textual específica que os identifiquem. Em narrativas de aventura, por exemplo, o leitor almeja encontrar um herói em seu contexto; em uma crônica, espera-se que a história seja desenvolvida a partir de uma situação do cotidiano. Já nos minicontos essas características textuais específicas não aparecem.

### 3.2.2 Leitura dos aspectos verbais e não-verbais

Os aspectos verbais e não-verbais do miniconto dizem muito sobre a construção do texto e da sua intencionalidade. Devido a quantidade limitada de texto, os aspectos não-verbais são pouco evidenciados no gênero, contudo, alguns autores utilizam desse recurso para enaltecerem a proposta sugerida pelo contexto. Nos exemplos que seguem, o autor utilizou-se de um aspecto não-verbal para consolidar a ideia pretendida pelo contexto.

Figura 4: Aspectos não- verbais do miniconto (exemplo 1)



Fonte: <<http://manussakis.tumblr.com/post/99277209834/minicontos-ilustrados-que-fa%C3%A7o-para-o-contogota>>. Acesso em 13 de fev. 2018. Autor: Manussakis

Figura 5: Aspectos não- verbais do miniconto (exemplo 2)



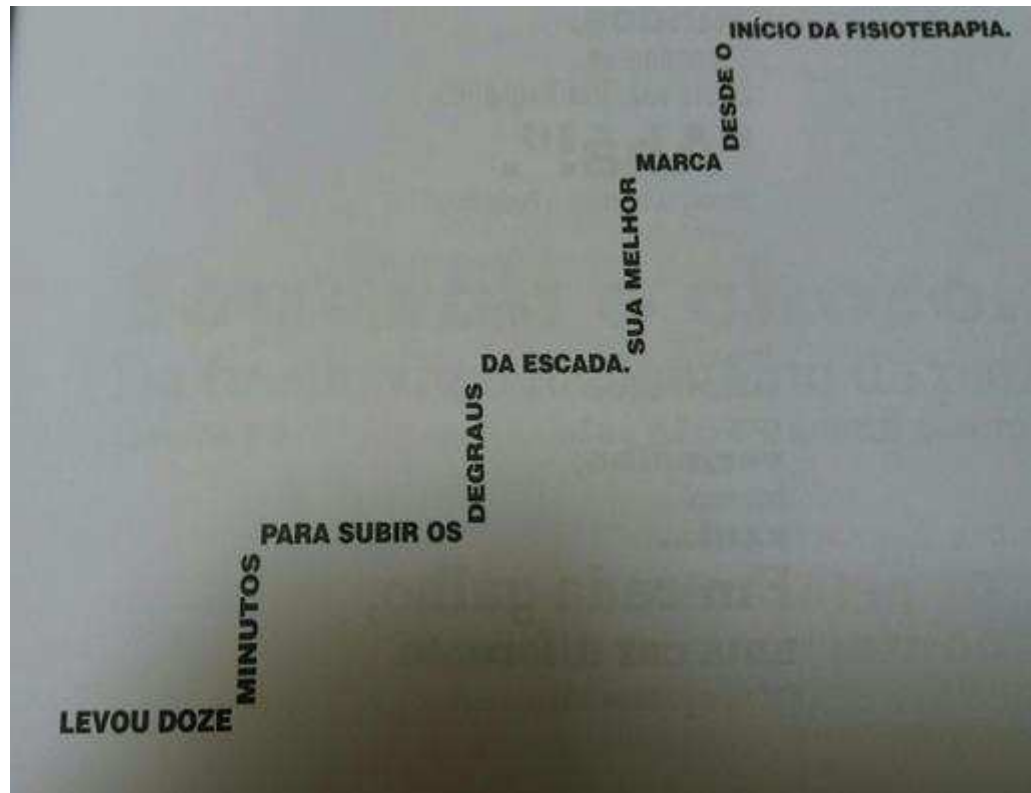
Fonte: <<http://manussakis.tumblr.com/post/99277209834/minicontos-ilustrados-que-fa%C3%A7o-para-o-contogota>>. Acesso em 13 de fev. 2018. Autor: Manussakis

Nas figuras 4 e 5, o autor usou imagens para ilustrar os acontecimentos evidenciados no texto. Na primeira figura, a imagem do garfo quebrado reforça a situação conflitante entre os integrantes do jantar. Na figura 5, a imagem da lágrima representa o sofrimento do marido quanto ao divórcio, enquanto a imagem do diamante demonstra a verdadeira intenção da esposa com o rompimento do casamento.

Embora a imagem deixe clara a intencionalidade do texto sobre o tema proposto, também são considerados outros aspectos não-verbais do gênero, como a disposição das palavras no texto. Alguns autores apresentam uma distribuição textual não uniforme com a finalidade de representar uma imagem e estabelecer

uma relação entre a disposição das palavras com o contexto pretendido, assim como no miniconto de Rossatto (2012, p. 51), a seguir:

Figura 6: Aspectos não- verbais do miniconto (exemplo 3)



Fonte: Rossatto (2012, p. 51)

Na composição do miniconto demonstrou-se a distribuição da imagem como se fosse uma escada, reforçando a dificuldade encontrada pelo seu personagem para subi-la. Embora não haja uma imagem específica, o leitor pode perceber qual o objetivo da construção do texto dessa forma, percebendo que o movimento que faz com os olhos para ler o texto é semelhante ao formato da subida de uma escada.

Quanto aos aspectos verbais, o leitor precisa ficar atento com a seleção de palavras e sua intencionalidade no texto. Conforme mencionado, o miniconto é um gênero que possui uma quantidade limitada de palavras, sendo assim, o autor precisa se valer de recursos que possam colaborar para a criatividade de seu texto.

O uso de polissemias, de discurso direto, de pontos de exclamação e interrogação são alguns recursos utilizados na produção de minicontos. No quadro

7, serão apresentados alguns aspectos verbais que possam ser observados em uma leitura mais detalhada do gênero:

**Quadro 7:** Análise dos recursos verbais utilizados em minicontos

Exemplos	Recursos verbais
<p style="text-align: center;"><i>Tem um real, moço?</i> <i>Tenho sim, mas não vou dar!</i> <i>Preferia as mentiras quentes às verdades frias.</i> (ROSSATTO, 2012, p. 27)</p>	<p><b>Discurso direto.</b> Os acontecimentos são demonstrados a partir de um diálogo entre as personagens sem a necessidade de uma introdução na história. O autor já apresenta a partir das falas uma situação de conflito.</p>
<p style="text-align: center;"><b><i>Duzentos mil acessos!</i></b> <i>Seu blog foi o mais visto naquele dia.</i> <i>Entretanto, não tinha para quem contar.</i> (ROSSATTO, 2012, p. 61)</p>	<p><b>Pontuação.</b> A frase exclamativa é um recurso utilizado pelo autor, para exprimir a ideia de popularidade ao referido blog, mesmo que no decorrer do texto isso não seja muito significativa à vida solitária da personagem.</p>
<p style="text-align: center;"><b><i>Polissemia</i></b></p> <p><i>O relatório tinha mais de trinta páginas. Chegou cedo à reunião para entregá-lo e ainda explicar os pontos principais e tirar alguma dúvida, se houvesse.</i> <i>Na saída, o colega a alcançou.</i> <i>_ Não entendo como você pode trabalhar tanto. Seu relatório ficou tão detalhado e tão longo. Parabéns. Mas vem cá, trabalhando desse jeito você ainda tem tempo pra namorar ?</i> <i>Ela levou um susto_ Namorar ? Mas eu sou casada !</i> <i>Ah... você quer dizer...</i> <i>Ambos riram.</i> <i>Levou um segundo até que ela se deu conta da polissemia.</i> <i>_ Namorar ? A gente acha tempo, né ?</i>  (Stella Bortoni)<sup>11</sup></p>	<p><b>Semântica:</b> O uso da polissemia no texto já se evidencia pelo título. O valor polissêmico da palavra: namorar é o que faz com que o leitor compreenda a real intenção da pergunta feita pelo colega de trabalho.</p>

Fonte: Elaborado pelo autor

Não se pode afirmar que apenas são estes os recursos verbais utilizados por autores de minicontos, os exemplos citados servem como parâmetros para as

<sup>11</sup> Fonte: <<http://www.stellabortoni.com.br/index.php/4499-miniconto-xv-polissemia>>. Acesso em 13 de fev. 2018.

variadas possibilidades de aspectos verbais que se encontram no gênero. A escolha do léxico e o uso de variantes linguísticas também são encontrados como uma forma de explanação do miniconto. Em produções presentes em redes sociais, por exemplo, são produzidos minicontos que contêm termos comumente usados por usuários da internet e que se tornaram comuns no repertório de escrita do aluno, assim como no miniconto abaixo:

*Bem-sucedido, neto de imigrantes europeus q fugiram da Guerra e aqui fizeram fortuna, hoje ele acredita q refugiados são parasitas da nação.<sup>12</sup>*

O uso suprimido da palavra que sugere um repertório textual desprovido da norma-padrão da língua e mais próximo do vocabulário utilizado por usuários da internet em redes sociais, como o Twitter. Embora não seja a forma mais comum a ser trabalhada em sala de aula, vale a intenção do texto em se aproximar dos possíveis leitores de sua página no Twitter que estão mais interessados no contexto do miniconto do que com a maneira como é escrito.

Os aspectos verbais e não-verbais de um gênero são de extrema importância para compreender como ele foi criado, destacando sua intencionalidade e criatividade textual. Nos questionamentos apresentados, optou-se por investigar como essa construção contribui para uma análise mais construtiva do texto. Contudo, as observações descritas devem ser mediadas pelo docente para que o aluno não tenha dificuldades em sua leitura.

É importante destacar que os procedimentos apresentados devem ser observados pelo docente antes de serem aplicadas as atividades de leitura, uma vez que esses recursos, principalmente os verbais, se não forem compreendidos pelo aluno podem dificultar o entendimento do texto.

### **3.2.3 Reflexão crítica sobre o gênero**

Depois que são utilizadas as estratégias de leitura anteriores, Lopes-Rossi (2005a) considera relevante que sejam apresentadas as impressões que o leitor obteve em contato com o gênero. Essa reflexão é viável para que o professor possa

<sup>12</sup> Fonte:< <https://twitter.com/minicontos>>. Acesso em 13 de fev. 2018. (autor desconhecido)

verificar se foi atingindo seus objetivos com a leitura de minicontos, pois é nesse momento que o aluno vai expor sua opinião a respeito do gênero.

O resultado positivo desse trabalho dependerá de alguns fatores, e isso se concretizará pela escolha do público leitor, da seleção dos textos, dos temas abordados, do propósito avaliativo, do ambiente de leitura e da forma como o gênero será abordado. Rossatto (2012) alerta sobre a necessidade de a escolha do miniconto ou microconto – como nomeia o autor- corresponder ao conhecimento prévio do leitor, sem levar isso em conta, não haverá a compreensão do texto e a proposta de trabalho ficará prejudicada.

Segundo Rossatto (2012, p.239), “[...] alguns microcontos são destinados ao entendimento somente de leitores que tenham uma cultura e/ou conhecimento específico. Caso contrário, o entendimento não se completará”. Desse modo, o professor precisa ter bem claro o objetivo com a leitura de minicontos, mediar as possíveis dificuldades de compreensão e conhecer os seus alunos para que esse gênero seja um instrumento de aprendizagem.

Desse modo, o que se torna primordial para que a atividade de leitura de minicontos seja uma atividade eficiente é o cuidado na escolha de textos compatíveis ao repertório dos alunos. Como o miniconto pode ser considerado um gênero novo para as aulas de leitura e interpretação, deve-se levar em conta a maneira como será o seu processo de aprendizagem. Dolz e Schneuwly (2004) argumentam que os objetivos de uma sequência didática exigem uma adequação às capacidades e limitações dos alunos envolvidos, para isso os autores sugerem que os procedimentos didáticos sejam abordados por meio de um processo gradual, assim, destacam:

1. adaptar a escolha de gêneros e de situações de comunicação às capacidades de linguagem apresentadas pelos alunos;
2. antecipar as transformações possíveis e as etapas que poderiam ser transpostas;
3. simplificar a complexidade da tarefa, em função dos elementos que excedem as capacidades iniciais das crianças;
4. esclarecer com os alunos os objetivos limitados visados e o itinerário a percorrer para atingi-los;
5. dar tempo suficiente para permitir as aprendizagens;
6. ordenar as intervenções de maneira a permitir as transformações;
7. escolher os momentos de colaboração com os outros alunos para facilitar as transformações;
8. avaliar as transformações produzidas. (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 46).



Muitas vezes, para a produção de minicontos, há recursos que embora sejam criativos não são compatíveis a qualquer público-leitor. O professor quando selecionar os minicontos que serão trabalhados, deve ter o cuidado de escolher aqueles que possam ser adequados ao perfil da classe escolhida, caso contrário, as dificuldades de assimilação e o desinteresse pelo gênero ficarão evidentes.

Minicontos mais extensos e que possuem características narrativas mais acentuadas são mais fáceis de serem compreendidos e podem ser trabalhados para as séries mais jovens ou como elemento introdutório para as mais avançadas. Os minicontos a seguir, por exemplo, podem ser utilizados para esse início das atividades com o gênero.

### **Andragogia<sup>13</sup>**

*Quando terminamos de assistir ao filme – Bambi, falei para meu filho de quatro anos: - Muito triste, pois a mãe morre no início da história. Ele me abraçou e respondeu: - Não mãe, é só voltar para o início que ela está lá.*

(Ana Mello)<sup>14</sup>

### **Uma boa história**

*Toda terça nos encontrávamos na parada do ônibus. Ela me olhava e sorria como se fosse dizer algo, temia em perguntar qualquer coisa com medo que ela não me deixasse fazer mais nada durante todo o trajeto. Um dia ela perguntou se eu realmente era uma escritora e respondi que sim. Então ela disse que tinha uma história para contar, igual a tantos outros que querem ver suas histórias magicamente escritas e publicadas - pensei. E ela contou por mais de mil viagens sem parar e eu sempre pedia mais, querendo que as viagens nunca terminassem.*

(Ana Mello)

### **É preciso ter coragem**

*Gabrielle deu o primeiro passo para longe da sua casa, uma cabana em uma clareira no centro da Floresta Escura, era a primeira vez que ela se aventurava longe de casa.*

<sup>13</sup> Ensino para adultos. Fonte: < <http://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/andragogia.htm>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

<sup>14</sup> O dois textos de Ana Mello retirado do site:< <http://minicontosanamello.blogspot.com.br/2012/06/uma-boa-historia.html>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

*Gabi estava indo para a cidade, cansou de morar sozinha, vivia assim desde os doze anos quando sua avó morreu. Agora, com dezesseis, ia atrás de um emprego e uma vida melhor e quem sabe uma nova família.*

*Na trilha que se estendia por entre arbustos e pedras, a menina lutava para entender o seu cérebro e seu coração, o primeiro dizia para ela ser esperta e voltar para casa, pois sempre temeu o que poderia encontrar na cidade, o segundo mandava ela mudar de vida e ser feliz.*

*Ela ouviu o coração. Pois era preciso ter coragem...*

*Gabi olhou pela última vez a casa, bem construída por sua vó no ano que Gabi nasceu, ela olhou para frente, para a trilha de terra que se misturava com o céu cinza, sinal de chuva, ou de que a cidade estava próxima.*

*Logo uma grande tempestade a pegou de surpresa e pesadas gotas de chuva começaram a cair no solo. Gabi apressou o passo e pelo amanhecer chegou na cidade, a chuva já havia parado e várias gotas de orvalho estavam enfeitando o ambiente. Uma visão linda de pessoas acordando para ir trabalhar e viverem suas vidas.*

*Gabi começou a nova vida e percebeu que qualquer coisa era melhor do que a solidão em que vivia antes, ela descobriu novas comidas, novas roupas e novas maneiras de ser feliz.*

(Samantha Culceaq)<sup>15</sup>

Nos três exemplos, encontram-se características bem marcadas de textos narrativos: personagem, enredo, tempo, espaço e narrador, além disso, as autoras não utilizaram expressões ou subentendidos que exijam um conhecimento específico para que sejam compreendidos. Iniciar a leitura de minicontos com a leitura de exemplos como esses, permite que o aluno tenha contato com o gênero, percebendo que é possível contar uma história por intermédio de poucas palavras.

Com a prática de leitura e a mediação sempre essencial do professor, o aluno gradativamente poderá ser exposto a textos mais curtos e com especificidades que omitem determinados trechos da história, contando com o conhecimento prévio do leitor e de suas inferências. Para se chegar a esse nível, o aluno deve corresponder inicialmente, conforme mencionado, a textos mais simples e depois ter contato com textos mais complexos.

Os minicontos a seguir de Rossatto (2012) foram construídos para leitores que sejam capazes de reconhecer algumas expressões e contextos sociais

<sup>15</sup> Fonte: < <http://sopramenores.blogspot.com.br/2013/11/miniconcto-e-preciso-ter-coragem.html>>. Acesso em 15 de fev. 2018.

indispensáveis à compreensão do texto. Observe-se que pela própria análise do autor, ele já sugere qual seria o público específico para cada texto.

**Quadro 8:** Categorias possíveis de público-leitor de minicontos (ROSSATTO, 2012)

<p>Classificado: Troco meu império jornalístico por kit com trenó de neve e telefone de Orson Welles.</p> <p><b>Público específico:</b> pessoas que assistiram ao filme Cidadão Kane, de Orson Welles. O personagem Kane possuía um império jornalístico e esse trenó é uma peça-chave na história do filme. (ROSSATTO, 2012, p.240).</p>
<p>Monarquista convicto, subiu na Pedro II e desceu na Anhangabaú. Desembarcar na República nem pensar.</p> <p><b>Público específico:</b> cidadãos da cidade de São Paulo. Pedro II , República e Anhangabaú são nomes de estação de metrô dessa cidade. (ROSSATTO, 2012, p.240)</p>
<p>Pensou em Bia e tuitou “Amo você!”. Também te amo!”, respondeu Ana...e Sara...e Vera... e Rose...</p> <p><b>Público específico:</b> usuários do Twitter. Quem não tem familiaridade com essa rede social não compreenderá o verbo neologista “tuitar” (ROSSATTO, 2012, p.240-241)</p>
<p>Madame Ana faz e desfaz qualquer trabalho...Após várias ligações, a correção na placa: Menos TCC.</p> <p><b>Público específico:</b> acadêmico. Quem não está familiarizado com assuntos de universidade não sabe que TCC são as iniciais de Trabalho de Conclusão de Curso. (ROSSATTO, 2012, p. 241)</p>
<p>Classificado: Procuo filho desaparecido. Visto pela última vez em 1968 em passeata da UNE.</p> <p><b>Público específico:</b> familiarizados com história brasileira. A partir da década de 1960 até a década de 1980, muitos integrantes da UNE – União Nacional dos Estudantes – desapareceram misteriosamente ao questionar o regime militar vigente. (ROSSATTO, 2012, p. 241).</p>

Fonte: Rossato (2012, p. 240-241)

O critério de escolha dos minicontos torna-se essencial para que a leitura detalhada seja coerente. Minicontos que não atendam à faixa etária dos alunos, possivelmente, não despertarão interesse e podem não ser compreendidos. Daí surge a importância de serem escolhidos minicontos que os alunos possam entender as propostas de análise e reconheçam os temas abordados.

Na próxima seção, serão apresentadas algumas propostas de leitura explorando as estratégias apresentadas e colaborando para a inclusão do miniconto como uma sugestão de atividade de leitura e interpretação de texto nas aulas de Língua Portuguesa.

### **3.3 Propostas de atividades de leitura**

A partir das estratégias de leitura mencionadas por Lopes-Rossi (2005a), serão apresentadas algumas propostas de atividades de leitura de minicontos, considerando os aspectos sociocomunicativos e linguísticos-textuais do gênero. Inicialmente, o leitor é instigado por meio de uma leitura global do texto, a elencar alguns aspectos que devem ser verificados apenas no início da atividade de leitura de miniconto, já que independentemente do texto essas indagações não se diferenciam. Posteriormente, serão destacados meios que promovam uma leitura mais detalhada do gênero, buscando ilustrar informações mais específicas do texto.

O primeiro procedimento busca despertar o conhecimento prévio do leitor sobre o gênero. Desse modo devem ser levantadas questões que visem despertar o que o aluno sabe sobre o gênero que será trabalhado na aula. Seguem perguntas que possam ser realizadas para se atingir esse objetivo.

1. O que são minicontos?
2. Como se considera um texto como miniconto?
3. Qual a finalidade de se produzir um miniconto?
4. Quais assuntos / temas podem ser abordados em um miniconto?
5. Quais os autores conhecidos de minicontos?
6. O que diferencia um miniconto de um conto?
7. Onde os minicontos são publicados?
8. Como geralmente essas histórias são construídas?
9. Por que os minicontos atraem tantos leitores?

Apesar de a maioria dos alunos conhecer o gênero, principalmente, nas redes sociais, as perguntas propostas devem ser mediadas pelo professor, no intuito de atender àqueles que desconhecem o gênero. Esse procedimento inicial é

indispensável para que o aluno possa se situar adequadamente à proposta de leitura trabalhada.

O segundo procedimento refere-se aos objetivos de leitura. Como abordado, os minicontos, por sua variedade de temas e formas, não permitem que seja traçado um objetivo específico de leitura, contudo, o professor pode apresentar quais são as suas expectativas com essa atividade, demonstrando ao aluno o porquê da escolha desse gênero nas aulas de leitura.

O terceiro procedimento trata da leitura detalhada do gênero, nessa etapa serão elencadas informações do texto que são necessárias para a sua compreensão. No intuito de exemplificar como esse procedimento poderá ser executado na leitura de minicontos, são propostas algumas perguntas que não impedem outros questionamentos específicos que possam ser abordados pelo professor.

1. Do que se trata o miniconto?
2. Como os personagens são identificados no texto?
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?
4. Qual a situação de conflito na história?
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?

Para exemplificar melhor o uso desses questionamentos em uma leitura detalhada do gênero, seguem alguns minicontos analisados a partir das perguntas elaboradas.

### **Exemplo 1**

*No parquinho, negros, brancos... Todos com daltonismo social. Quando crescem, infelizmente se curam.* (ROSSATTO, 2012, p.70).

**Quadro 9:** Leitura detalhada (Exemplo 1)

<i>Questões</i>	<i>Possíveis respostas</i>
1. Do que se trata o miniconto?	Sobre o relato de uma cena com crianças negras e brancas em um parquinho.
2. Como os personagens são identificados no texto?	Trata-se de crianças pelo ambiente mencionado no texto: no parquinho.
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?	O fato de o narrador questionar crianças brancas e negras brincando no mesmo parquinho.
4. Qual a situação de conflito na história?	Quando as crianças crescem, começam a perceber a diferença social entre raças.
5. Há termos que revelam como é o ambiente	No parquinho.
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?	Sim, “Todos com daltonismo social”. O termo é essencial para a postura crítica do narrador, pois remete a ideia de que somente quando somos crianças não somos capazes de perceber a diferença social, de acordo com a cor da pele das pessoas.
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?	Sim, o narrador ao mencionar que: “Quando crescem, infelizmente se curam”, revela que o daltonismo social é curado na vida adulta, quando se percebe a discriminação existente entre as raças.

Fonte: elaborado pelo autor

**Exemplo 2*****Vida em duas vias***

*Vida leve, leve como a fumaça de um cachimbo, como os dedos ágeis e os pés ligeiros que agarram a bolsa da senhora em uma fuga alucinada. Vida dura, dura como chão gelado e mal cheiroso em que dormia, como a grana curta para o pão ou o feijão que quase nunca ele comia. Dura como a bala do PM que cruzou o seu caminho. (André Rafanhin)<sup>16</sup>*

<sup>16</sup> Fonte:

<<http://www.minicontos.com.br/?apid=3006&tipo=2&dt=0&wd=&titulo=%20Vida%20em%20duas%20vias>>.

Acesso em 27 de set. 2017

**Quadro 10:** Leitura detalhada (Exemplo 2)

<i>Questões</i>	<i>Possíveis respostas</i>
1. Do que se trata o miniconto?	Sobre a vida e o fim trágico de um morador/menino de rua.
2. Como os personagens são identificados no texto?	Há apenas um personagem descrito como morador de rua, ladrão e usuário de drogas.
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?	O texto já se inicia com um momento de tensão que resultará em seu desfecho, quando o personagem descrito rouba a bolsa de uma senhora.
4. Qual a situação de conflito na história?	A representação dos dilemas sociais em que o personagem transita (roubo, pobreza e violência).
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?	O ambiente é representado apresentando as condições de moradia do personagem: [...] chão gelado e mal cheiroso em que dormia.
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?	Sim, expressões como: leve como a fumaça de cachimbo (representando o consumo de drogas) e Dura como a bala do PM (representando o fim trágico do personagem).
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?	Sim, apesar de o texto não detalhar precisamente os atos do personagem, nota-se a representação de como é a vida dos usuários de drogas e o fim trágico de suas vidas.

Fonte: Elaborado pelo autor

**Exemplo 3*****Infância perdida***

*Sua vidinha era fácil não! Enquanto outras da sua idade faziam tarefas escolares, passeavam no shopping, desfilavam mochilas da Barbie, brincavam no parque e dormiam cedo, ela brincava na rua, altas horas, com seu uniforme diário: microssainha, meia-calça furada, saltos altos carcomidos... E a bolsinha vermelha.*

*Fora engolida pela boca escancarada do sistema.*

Pseudônimo: Quartzô Rosa<sup>17</sup>

<sup>17</sup> Fonte: < <http://autoressaconcursosliterarios.blogspot.com.br/2013/05/os-20-minicontos-classificados.html>>. Acesso em 14 de fev. 2018

**Quadro 11:** Leitura detalhada (Exemplo 3)

<i>Questões</i>	<i>Possíveis respostas</i>
1. Do que se trata o miniconto?	Diferença de classe social.
2. Como os personagens são identificados no texto?	A personagem descrita é descrita com roupas vulgares e velhas.
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?	O autor descrever já no início do texto que a vida da personagem não era fácil.
4. Qual a situação de conflito na história?	A diferença entre o comportamento e da maneira de se vestir da personagem quanto ao das outras meninas de sua idade.
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?	Os ambientes descritos revelam o distanciamento entre a personagem e a outras meninas. Enquanto as meninas brincavam no parque, ela brincava na rua.
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?	Sim. “Sua vidinha não era fácil não!” revela a situação de sofrimento da personagem e “[...] microssainha, meia-calça furada, saltos altos carcomidos... E a bolsinha vermelha” sugerem que a personagem, possivelmente, se prostituía.
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?	Sim. O autor faz uma crítica a diferença de classe social no termo: “Fora engolida pela boca escancarada do sistema”.

Fonte: Elaborado pelo autor

**Exemplo 4**

*Foi a primeira vez que presenciei um acidente. Ainda consigo ouvir os gritos de dor da garota que andava de bicicleta ao ser atingida pelo caminhão. Na rua não havia muita gente, portanto me aproximei para ver melhor o que tinha acontecido; o sangue da menina enchia a estrada, e eu podia ver pedaços de ossos à mostra pelo seu braço.*



*Peguei o celular e fiz o que toda pessoa normal faria: tirei uma selfie.*<sup>18</sup>

**Quadro 12:** Leitura detalhada (Exemplo 4)

<i>Questões</i>	<i>Possíveis respostas</i>
1. Do que se trata o miniconto?	Uma crítica sobre selfies.
2. Como os personagens são identificados no texto?	O narrador em primeira pessoa relata uma cena de um acidente em que uma garota de bicicleta foi atingida por um caminhão.
3. Que fato(s) sugere(m) o momento de tensão da história?	Os gritos de dor da garota por ter sido atropelada.
4. Qual a situação de conflito na história?	A situação vulnerável da garota após o acidente. “[...]o sangue da menina enchia a estrada, e eu podia ver pedaços de ossos à mostra pelo seu braço”.
5. Há termos que revelam como é o ambiente da história?	Na rua não havia muita gente
6. Existem termos ou expressões que revelem a intencionalidade do autor? Se sim, qual a importância para a compreensão do texto?	Sim, o autor usa de termos como gritos de dor, sangue da menina que enchia a estrada, pedaços de osso à mostra sugerindo a necessidade de uma ajuda imediata.
7. O final do texto atende às expectativas iniciais? O que ficou subentendido?	Não, esperava-se que o narrador usasse o celular para chamar uma ambulância. Ficou subentendido que existem pessoas que dão mais valor a curtidas de fotos em suas redes sociais do que ajudar pessoas em situações de risco.

Fonte: Elaborado pelo autor

Os minicontos apresentados buscam exemplificar uma proposta de atividade de leitura que vise contemplar os aspectos do gênero discursivo e fazer com que o aluno consiga compreender o texto. Como ressaltado, o professor além das questões, aqui apresentadas, poderá utilizar outras que possam se adequar à realidade dos seus alunos e à sua proposta pedagógica.

<sup>18</sup> Fonte: < <http://1001nuccias.blogspot.com.br/2015/11/resenha-livro-minicontos-macabros.html>>. Acesso em 14 de fev. 2018. (autor desconhecido)

O quarto procedimento trata de uma análise sobre o resultado da atividade de leitura com minicontos. Lopes-Rossi (2005) relata que após os procedimentos anteriores, o leitor seja capaz de avaliar os textos e emitir opiniões sobre ele.

Essa reflexão crítica permite ao professor identificar quais foram os pontos positivos e negativos na construção de seu projeto de leitura e rever a sua prática pedagógica. Perguntas, como as que seguem, podem contribuir para obtenção desses resultados.

1. Você gostou de ler minicontos?
  
2. O que mais chamou a sua atenção nos textos propostos para leitura?
  
3. Você teve alguma dificuldade na compreensão dos textos? Em que textos? Quais foram as suas dificuldades?
  
4. Após a explicação do professor, você conseguiu superar suas dificuldades ou ainda há algo que não ficou claro para você? Comente.

Assim como as outras questões propostas nesta pesquisa, o professor poderá formular perguntas que sejam adequadas ao seu cenário. Contudo, o importante é poder, por meio das respostas obtidas pelos alunos, ter um parâmetro de como a atividade foi efetivamente produtiva para eles e, a partir desse resultado, conseguir obter informações que auxiliem o trabalho docente para projetos futuros com o gênero.

Com a finalidade de esclarecer os passos sugeridos por esta pesquisa, o esquema a seguir busca sintetizar os procedimentos que auxiliarão o professor em seu projeto de leitura com minicontos.

1º passo: Conhecer as características do gênero

Observar os aspectos sociocomunicativos do gênero, assim como, atentar-se às suas relações dialógicas.

2º passo:  
A seleção dos minicontos

A escolha dos minicontos necessita de um critério que vise atender ao público-leitor. Incompatibilidade entre os minicontos e a capacidade cognitiva do leitor trará resultados negativos.

3º passo:  
Estratégias de leitura

Leitura global; Objetivos de leitura;  
Leitura detalhada e Reflexão crítica

4º passo: Análise dos resultados obtidos

A partir dos passos sugeridos, o professor poderá estabelecer um caminho para que o projeto de leitura de minicontos possa ser traçado. A proposta sugerida visa promover o conhecimento do miniconto pelo conceito de gênero discursivo, priorizando as suas condições de circulação e produção e seus aspectos composicionais (linguísticos-textuais). Também salienta a importância da criticidade na escolha dos textos e as estratégias de leitura apontadas nesta pesquisa.

## CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como por objetivo geral apresentar um estudo sobre o gênero miniconto com o propósito de utilizá-lo em sala de aula em atividades de leitura. Especificamente, este trabalho se propôs, num primeiro momento, em caracterizar o gênero discursivo miniconto, destacando seus aspectos sociocomunicativos, composicionais e dialógicos, posteriormente, buscou apresentar atividades de leitura que pudessem subsidiar o professor que desejar trabalhar com o miniconto em suas aulas.

Em relação ao primeiro objetivo, a partir de uma análise realizada com minicontos retirados de livros, sites e redes sociais, os resultados demonstraram que o gênero miniconto possui características diferentes de um texto narrativo convencional. Isso se dá, principalmente, pelo seu formato e pela habilidade do autor em expor com poucas palavras um contexto que vise chamar a atenção do leitor.

Os aspectos sociocomunicativos do miniconto apresentaram que sua origem no Brasil se iniciou na década de 70, mas que a divulgação do gênero se tornou mais expansiva, quando ele começou a ser produzido nas redes sociais, sendo o Twitter o suporte com maior divulgação dessas produções entre os jovens. Desse modo, verifica-se que o leitor de minicontos, nos dias atuais, tem um contato maior com o gênero por meio da internet.

Definir miniconto é algo tão distante quanto determinar que o miniconto contenha, apenas, caracteres narrativos. A pesquisa mostrou que o miniconto não se limita apenas em construir um formato unicamente narrativo, na verdade, ele tem a flexibilidade de ser constituído a partir do propósito do autor, que às vezes, não é somente contar uma história, mas expor uma reflexão. Questões sociais e políticas são exemplos de temas abordados nos minicontos que podem fugir desse estereótipo de narrar.

Algumas expressões, sentidos ambíguos de palavras, formato das letras e do título são características que fazem do miniconto um gênero cujo trabalho de interpretação deve se preocupar, também, com a escolha do léxico em sua construção. Não se consegue escrever tudo detalhadamente, já que a proposta é

enxugar o máximo de palavras, por isso a escolha de termos certos e até mesmo de uma pontuação proposital, levam o leitor a compreender a criatividade do texto.

As atividades de leitura sugeridas nesta pesquisa correspondem ao segundo objetivo específico. As atividades propostas buscaram colaborar para que o professor pudesse inserir o gênero nas aulas de leitura. Os resultados ao formular essa proposta, mostraram que a escolha do miniconto é primordial para que o objetivo de apreciação do gênero seja satisfatório. A escolha de um miniconto fora da realidade do repertório do aluno prejudicará todo o projeto de leitura do gênero, além de desmotivá-lo.

Para que isso não aconteça, observou-se a relevância de o professor analisar com cuidado os textos selecionados e conhecer o repertório cultural e cognitivo de seus alunos. Assim sendo, despertar o conhecimento prévio antes da leitura é primordial para que o docente reconheça as habilidades de leitura de seus alunos e consiga conduzir as atividades com mais facilidade.

Uma leitura detalhada do gênero mostrou-se eficiente para que se possa destrinchar passo a passo como o miniconto é construído, com qual finalidade, como os recursos visuais complementam a ideia do texto, como são elaboradas as construções frasais, o título e a disposição das palavras do texto. Quando o aluno reconhece esses indícios, percebe que não os priorizar na leitura, há interferência na compreensão e na articulação do texto.

O trabalho com o texto em aulas de Língua Portuguesa já é comum e rotineiro, mas foi possível constatar mais uma vez nesta pesquisa que a forma como o texto é analisado interfere na maneira como o aluno vai corresponder. Questões que levam a desvendar partes explícitas ou apresentam fatos que nada tem a ver com que se pretende transmitir, fazem com que o uso do texto em aula fique descontextualizado e o aluno não consiga nem fazer correlações e questioná-lo.

As propostas aqui elaboradas tiveram como meta não permitir que a análise do miniconto seja feita como alguns livros didáticos vêm explorando outros gêneros. Os questionamentos expostos tiveram como objetivo mostrar para o professor que a leitura de minicontos deve instigar o aluno a lê-los cada vez mais, deve despertar o seu conhecimento prévio dos temas abordados para que ele possa expressar sua

opinião a respeito e conseguir perceber os implícitos que os autores trazem nessas construções.

Com as sugestões demonstradas neste trabalho, abre-se uma oportunidade de estudos posteriores trabalharem com o gênero sob outras perspectivas, como produção escrita de minicontos ou trabalhos multidisciplinares com o gênero. Espera-se que este estudo tenha colaborado para que os professores tenham interesse em utilizar o gênero em suas aulas e que se despertem mais leitores desses pequenos textos.

## REFERÊNCIAS

ALVES-FILHO, F.; SANTOS, E.P. O tema da enunciação e o tema do gênero no comentário online. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.10, n. 2, p.78-90, abr./jul. 2013. Disponível em: < <file:///C:/Users/Escola/Downloads/28038-102766-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2017.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BARBOSA, J.P; ROVAI, C. F. **Gêneros do discurso na escola**: discutindo princípios e práticas. 1.ed. São Paulo: FTD, 2012.

BERNARDI, F. **As bases da literatura brasileira**. Porto Alegre: AGE, 1999.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2.ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

BRANDÃO, H. N. Texto, gêneros do discurso e ensino. In: CHIAPPINI, L.(Org.). **Gêneros do discurso na escola**: Mito, Conto, Cordel, Discurso Político, Divulgação Científica. São Paulo: Cortez, 2000. p. 17-46.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais/ética. Brasília: MEC/SEF, 1997.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSCARELLI, C. V. **Reflexões sobre as inferências**. Anais do VI CBLA – Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Faculdade de Letras da UFMG, CD Ron, 2002.

\_\_\_\_\_. **Inferência**: Afinal o que é isso? Belo Horizonte: FALE/UFMG. Maio, 2003. Disponível em :<<http://bbs.metalink.com.br/~lcoscarelli/publica.htm>>. Acesso em 25 abr. 2007.

DANTAS, C.S.B. **Minicontos: uma prática de letramento emergente na escola**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Currais Novos, 2015.

DIAS, A.V.M.; MORAIS, C.G.; PIMENTA, V.R; SILVA, W.B. Minicontos multimodais: reescrevendo imagens cotidianas. In: ROJO, R.; ALMEIDA, E.M. e organizadores. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012, p. 75-94.

FERRAZ, G. G. As histórias de um parágrafo. **Língua Portuguesa**. São Paulo. Ano 2, n. 21, 2007, p. 38-39.

\_\_\_\_\_. **Histórias em apenas uma linha**. Disponível em: <<https://subrosa3.wordpress.com/2007/07/22/historias-em-apenas-uma-linha/>>. Acesso em 13 de set. 2017.

FIORIN, J.L. Leitura e Dialogismo. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania. M.K. (Org.). **Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

\_\_\_\_\_. **Introdução aos pensamentos de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FREIRE, M. **Os cem menores contos brasileiros do século**. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

GAUDIOSO, T. K. **Poemas de estilo haicai no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 2013. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/memorialjapao/wp-content/uploads/2013/10/O-HAICAI-NO-BRASIL.pdf>>. Acesso em 26 jul. 2017.

KATO, Mary A. Processos de decodificação: a integração do velho com o novo em leitura. In: \_\_\_\_\_. **O aprendizado de leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.p.39-50.

KOCH, I.G. V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N.S.; NAME, M.C. (Org.). **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005a. p. 96-97.

\_\_\_\_\_. A construção dos sentidos do discurso: uma abordagem sociocognitiva. **Investigação**, v.18, n.2. Recife, 2005b, p.9-38.

LIMA, A.P. Procedimentos teórico-metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, B.; MAGALHÃES, A.S. (Org.). **Dialogismo: teoria e (m) prática**. São Paulo: Terracota, 2014.



LOPES-ROSSI, M. A. G. A formação do leitor proficiente e crítico a partir de características específicas dos gêneros discursivos. **Intercâmbio**. São Paulo: PUC/SP, vol. 14, 2005. CD-Rom.

\_\_\_\_\_. Procedimentos para estudo de gêneros discursivos da escrita. **Revista Intercâmbio**. São Paulo: LAEL/PUC-SP, v.15, 2006.

MARCHI, D.M. Dalton Trevisan: \_Ah, é?. **Ciências e Letras**. Porto Alegre: FAPA, v. 34, 2003, p. 83-92.

MARCUSCHI, L.A. Exercícios de compreensão ou cópiação nos manuais de ensino de língua? **Em aberto**. Brasília, ano 16, n. 69, 1996. p. 64-82.

\_\_\_\_\_. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir H. (Org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 95-124.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. p. 228-243.

\_\_\_\_\_. Compreensão do texto: algumas reflexões. In: Dionísio, A.P; BEZERRA, M.A. (Org.). **O livro didático de português: múltiplos olhares**. 2.ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2013.p.48-61.

MELO, R. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. In: PAULA, L.; STAFUZZA, G. (Org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 235-264.

NEVES, I. C. B. (Org.). **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

ROSSATTO, E. **Cem toques cravados**. São Paulo: Editora Europa, 2012.

SANCHES NETO, M. **Biblioteca Trevisan**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996.

SANT'ANNA, M.A. Os gêneros do discurso. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 68-76, v. 11.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias.** São Paulo: SEE, 2011.

SANTOS, J.C.C. O gênero miniconto por uma perspectiva bakhtiniana. **Pesquisa em Discurso Pedagógico.** Rio de Janeiro, v. 2, 2016.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 35-60.

\_\_\_\_\_. Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. e colaboradores. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. p. 61-78.

SILVA, G.F.P. **O Twitter como um novo gênero digital para o ensino de língua materna a partir de uma análise textual e discursiva do gênero literário microconto.** 2013, 157 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2013.

SOBRAL, A. Ver o texto com os olhos do gênero: uma proposta de análise. **Bakhtiniana,** São Paulo, v.1, n. 1, 2009. p. 85-103.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 21-24.

SOUSA, L. B.; GABRIEL, R. Fundamentos cognitivos para o ensino de leitura. **Signo.** v. 34, n. 57. Santa Cruz do Sul, p. 47-63, jul./dez. 2009. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/index>>. Acesso em 05 set. 2017.

SPALDING, M. **Os Cem Menores Contos Brasileiros e a Reinvenção do Miniconto na Literatura Brasileira Contemporânea.** 2008. 81 f. Dissertação (Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SPALDING, M. Presença do miniconto na literatura brasileira. **Conexão Letras,** Porto Alegre, v. 7, n. 8, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55443/33705>>. Acesso em 25 abr. 2017.

VARGAS, D. S. Por uma visão cognitivista do processo de inferenciação de leitura. **Ciências & Cognição**, v. 20, n. 2, p. 313-330. 2015. Disponível em: <<https://cienciasecognicao.org>>. Acesso em 08 jun. 2017.

WACHOWICZ, T.C. **Análise linguística nos gêneros textuais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

## ANEXOS

### ANEXO: 1

#### Cemitério de elefantes<sup>19</sup>

Há um cemitério de bêbados na minha cidade. Nos fundos do mercado de peixe e à margem do rio ergue-se o velho ingazeiro \_\_\_ ali os bêbados são felizes. A população considera-os animais sagrados, provê às suas necessidades de cachaça e peixe com pirão de farinha. No trivial contentam-se com as sobras do mercado. Quando ronca a barriga, ao ponto de perturbar-lhes a sesta, saem do abrigo e, arrastando os pesados pés, atiram-se à luta pela vida. Enterram-se no mangue até os joelhos na caça ao caranguejo ou, tromba vermelha no ar, espiam a queda dos ingás maduros.

Elefantes mal feridos coçam as perebas, sem nenhuma queixa, escarrapachados sobre as raízes que servem de cama e cadeira, a beber e beliscar pedacinho de peixe. Cada um tem o seu lugar, gentilmente avisam:

\_\_\_ Não use a raiz do Pedro.

\_\_\_ Foi embora, sabia não?

\_\_\_ Aqui há pouco . . .

\_\_\_ Sentiu que ia se apagar e caiu fora. Eu gritei: Vai na frente, Pedro, deixa a porta aberta.

Á flor do lodo borbulha o mangue \_\_\_ os passos de um gigante perdido? João dispõe no braseiro o peixe embrulhado em folha de bananeira.

\_\_\_ O Cai Nágua trouxe as minhocas?

\_\_\_ Sabia não?

\_\_\_ Agora mesmo ele . . .

\_\_\_ Entregou a lata e disse: Jonas, vai dar pescadinha da boa.

Chega de outras margens um elefante moribundo.

\_\_\_ Amigo, venha com a gente.

Uma raiz no ingazeiro, o rabo de peixe, a caneca de pinga.

No silêncio o bzzz dos pernilongos assinala o posto de cada um, assombrados com o mistério da noite \_\_\_ o farol piscando no alto do morro.

Distrai-se um deles a enterrar o dedo no tornozelo inchado e, puxando os pés de paquiderme, afasta-se entre adeuses em voz baixa \_\_\_ ninguém perturbe os dorminhocos. Esses, quando acordam, não perguntam onde foi o ausente. E, se indagassem, com intenção de levar-lhe margaridas do banhado, quem saberia responder? A você o caminho se revela na hora da morte.

A viração da tarde assanha as varejeiras grudadas nos seus pés disformes, as folhas do ingazeiro reluzem como lambaris prateados \_\_\_ ao eco da queda dos frutos os bêbados erguem-se com dificuldade e os disputam rolando no pó. O vencedor descasca o ingá e chupa de olho guloso a fava adocicada. Jamais correu sangue no

<sup>19</sup> Fonte: <<https://www.facebook.com/OVampiroDeCuritiba/posts/470390039829096>>. Acesso em 6 de nov. 2017.

cemitério \_\_ a faquinha na cinta é para descamar peixe. E, aos brigões, incapazes de se moverem, basta-lhes xingarem-se a distância.

Eles que suportam o delírio, a peste, o fel na língua, o mormaço, as câimbras de sangue, berram de ódio obtuso contra os pardais, que se aninham entre as folhas e, antes de dormir, lhes cospem na cabeça \_\_ o seu pipiar irrequieto envenena a modorra.

Da margem contemplam os pescadores afundando os remos.

\_\_ Um peixinho aí, compadre?

O pescador atira o peixe desprezado no fundo da canoa.

\_\_ Por que você bebe, Papa- Isca?

\_\_ Maldição de mãe, uai.

\_\_ O Chico não quer peixe?

\_\_ Tadinho, a barriga d'água.

Com a pressa que permitem os pés tumefatos, aparta-se dos companheiros cochilando à margem, esquecidos de enfiar a minhoca no anzol.

Cuspindo na água o caroço preto do ingá, os outros não o interrogam: as presas de marfim que indicam o caminho são garrafas vazias. Chico perde-se no cemitério sagrado, as carcaças de pés grotescos surgindo ao luar.

## ANEXO: 2

**Bonde<sup>20</sup>**

Solteiro, comerciário, ele se desespera na fila das seis da tarde. Na meia hora de vida roubada por esse bonde, José podia ter feito grandes coisas: beber rum da Jamaica, beijar Mercedes, saquear uma ilha. Pula de um pé no outro, impaciente de assumir o seu posto no mundo, assim que o bonde chegue - o navio fundeia nos verdes olhos.

Não dói o calo no pé esquerdo, nem pesa o guarda-chuva no braço, a um flibusteiro que bebe rum em crânio humano daria o Capitão Kidd desconto de 3% para vendas a vista? Desafia os vagalhões na sua nau Catarineta, eis que um pirata lhe bateu no braço e o herói saltou em terra.

- Seu moço, para onde vai esse bonde?
- Por cem milhões de percevejos fedorentos!

Bom rapaz, não praguejou feito um excomungado lobo-do-mar, e deu a rota de sua fragata. Um moço - vinte anos, puxa! - com a idade do homem de negócios, o guarda-chuva é negra bandeira de tíbias cruzadas. Nesse bonde que ninguém não viu ele quer fugir para o longe, abandonando a donzela de cigarro na boca, triste no cais. A seu lado, o barbudo Zequinha Perna-de-Pau e a pálida filha do Vice-Rei da Ilha das Tartarugas boiam, náufragos como ele, atirados à praia pela maré. O velho de olhos azuis de contramestre, um pacote de bananas no braço, sorri para ele. Na testa lateja uma espinha, até isso!

Morte aos barões cornudos! Desfralda no crepúsculo o seu grito de guerra. Todo velhote é um canhão de museu, sente gana de afogar o Corsário Mão-de-Gancho que não o deixa se fazer ao mar. Corpo de cavalo-marinho, uma dama igual àquela, triste no cais, sopra inquietos ventos nas velas rotas de seu bergantim. Arrasta as correntes da âncora que enleia a partida: piedade filial, temor a Deus, devoção à pátria.

Em vão vogava em maré de barataria, o bonde que chega abriu a goela de baleia, onde Jonas esperava por ele com um barril de rum.

A consciência de sua idade lhe dói no calo do pé, na espinha da testa, nas vozes de sereias que cantam só para ele. A maruja iça a bujarrona e o velho tropeça no estribo, derrubando o pacote. Sem orgulho ou dignidade, o pirata recolheu as bananas amassadas e subiu, perdido o último banco da popa.

O bonde joga no mar grosso, dele não se pode ver o céu. O contramestre retira uma banana do pacote, é a segunda vez que oferece. De pé, no cesto da gávea, grita o Capitão - "Terra!", os telhados de Ítaca tremulando ao longe.

---

<sup>20</sup> Fonte: <<http://casadoestoriador.blogspot.com.br/2013/10/bonde-dalton-trevisan.html>>. Acesso em 6 de nov. 2017.

## ANEXO: 3

**O ciclista<sup>21</sup>**

Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba – levanta voo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao a sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete impávido colosso, desvia de fininho o poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e - uma perna mais curta - foge por entre as nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão.

Ao fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina, avança pelo céu na contramão, trim-trim.

## ANEXO: 4

**Apelo<sup>22</sup>**

Amanhã faz um mês que a Senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa de esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom ainda no lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, até o canário ficou mudo. Não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles se iam. Ficava só, sem o perdão de sua presença, última luz na varanda, a todas as aflições do dia.

---

<sup>21</sup>

Fonte:

[http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/portugues/novaeja/m4u08/6\\_Lendo\\_um\\_conto\\_contemporaneo.pdf](http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimedia-professor/portugues/novaeja/m4u08/6_Lendo_um_conto_contemporaneo.pdf)>. Acesso em 6 de nov. 2017.

<sup>22</sup> Fonte: <<https://cardapiopedagogico.blogspot.com.br/2012/11/conto-apelo-de-dalton-trevisan.html>>. Acesso em 6 de nov. 2017

Sentia falta da pequena briga pelo sal no tomate — meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa. Calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolha? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.

## ANEXO: 5

### 1. **Minicontos** @minicontos 8 de mar Mais

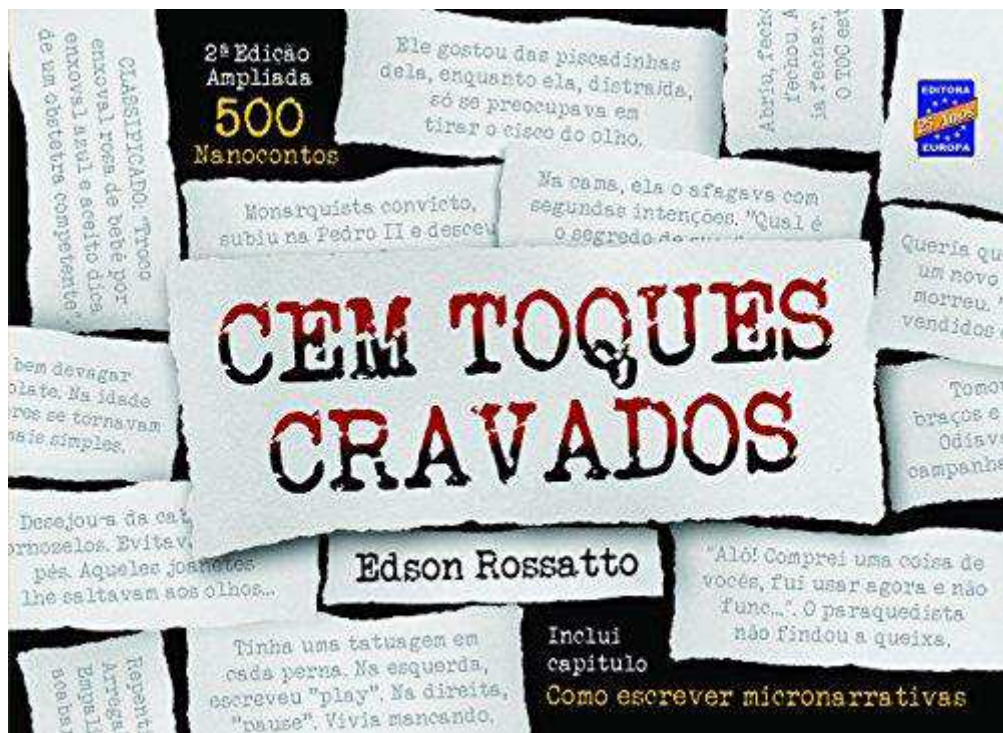
Sem saber da tragédia que motivou a criação da data, o infeliz fazia piadas na internet, alimentando com ignorância a sua debilidade mental.

### 2. **Minicontos** @minicontos 28 de dez de 2016 Mais

O ambulante Índio morreu ao tentar salvar a transex Brasil na estação Pedro II. Os personagens lúdicos de um miniconto melancólico.

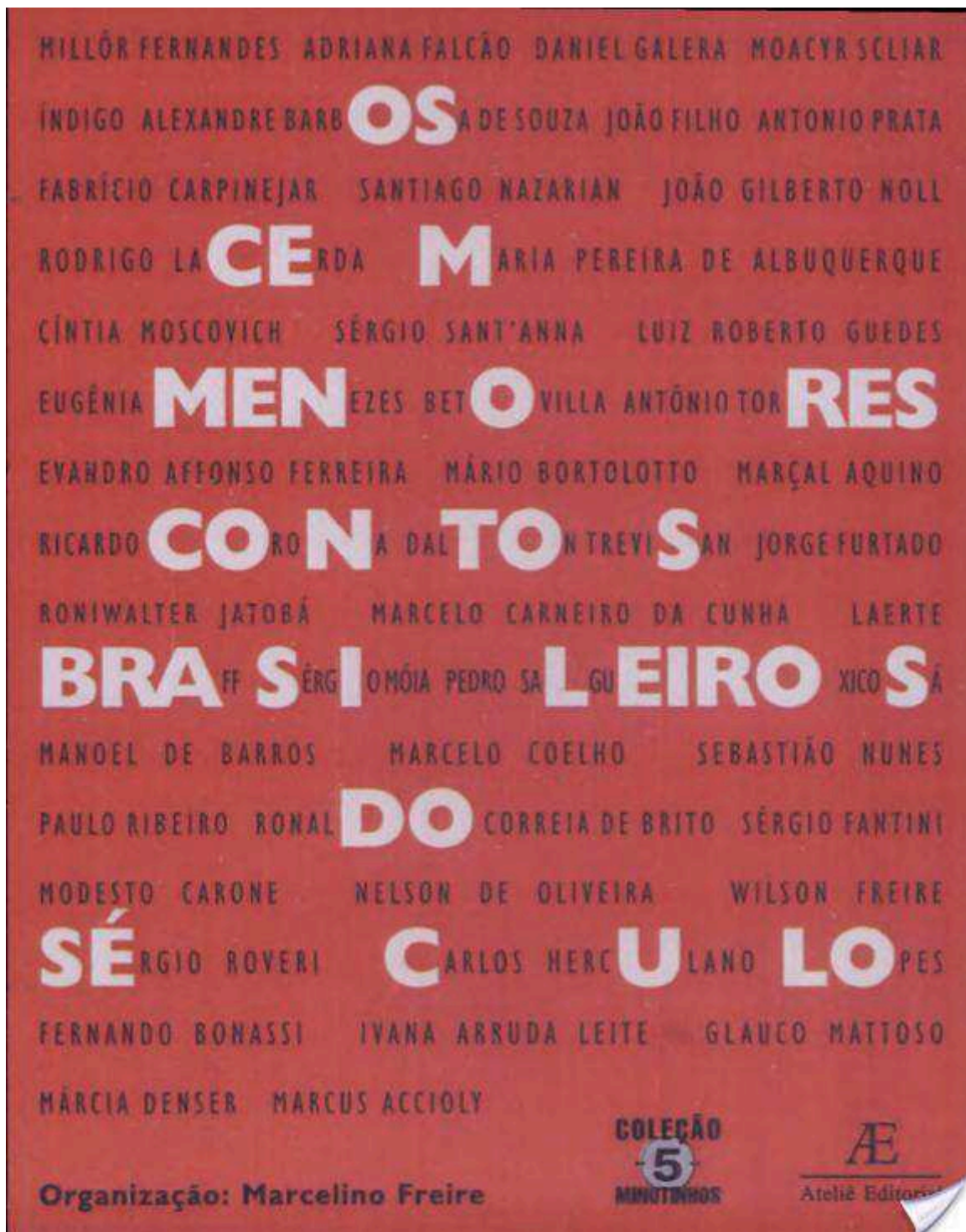
Os anexos seguintes mostram a capa dos livros mencionados nesta pesquisa, sendo o primeiro de Edson Rossatto – Cem toques cravados (2012); Os cem menores contos brasileiros do século de Marcelo Freire (2004); A coletânea de Alfredo Bosi – O conto brasileiro contemporâneo (década de 70) e a página mais visitada do Twitter de produção de minicontos.

## ANEXO 6:

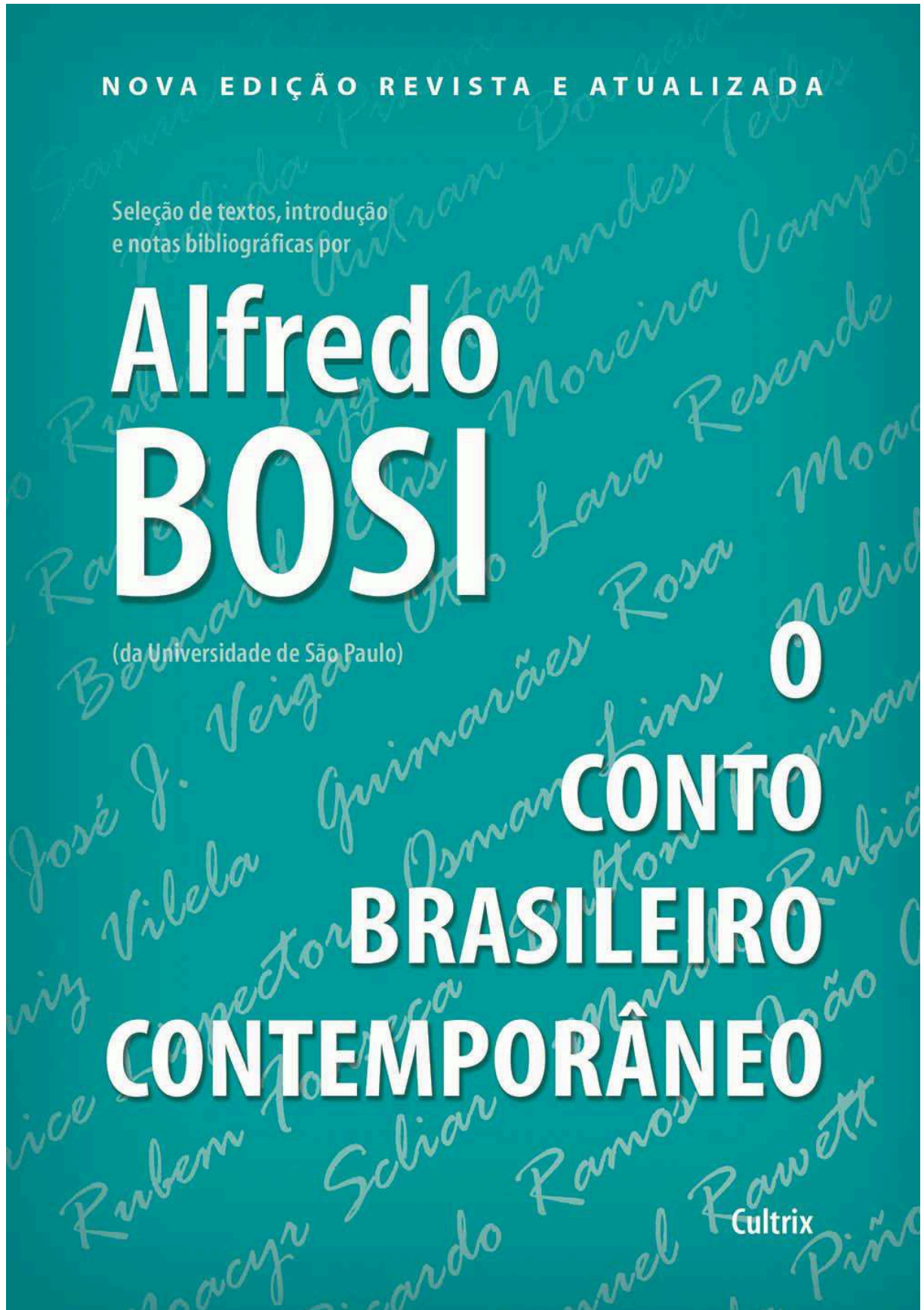




## ANEXO 7:



ANEXO 8:



## ANEXO 9:

minicontos (@minicontos)

Em um tweet é possível contar a história de uma vida.

Brazil

m.facebook.com/semnominicon...

Participa desde abril de 2008

Tweets 965 Seguindo 230 Seguidores 3.408 Curtidas 2 Listas 1

Seguir

**Tweets Tweets e respostas**

**minicontos** @minicontos · 7 de nov de 2017  
Então lhes foi dada a permissão de escrever mais palavras, mas o que tinham a dizer nada acrescentava. Foi um triste desperdício do idioma.

2 6

**minicontos** @minicontos · 8 de mar de 2017  
Sem saber da tragédia que motivou a criação da data, o infeliz fazia piadas na internet, alimentando com ignorância a sua debilidade mental.

**Novo no Twitter?**  
Inscreva-se agora para obter sua própria timeline personalizada!

**Inscreva-se**

**Você também pode gostar**  
Atualizar

19:18 17/02/2018



